



INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA

75 Years
1935-2010

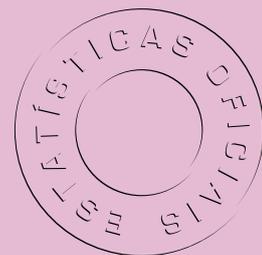
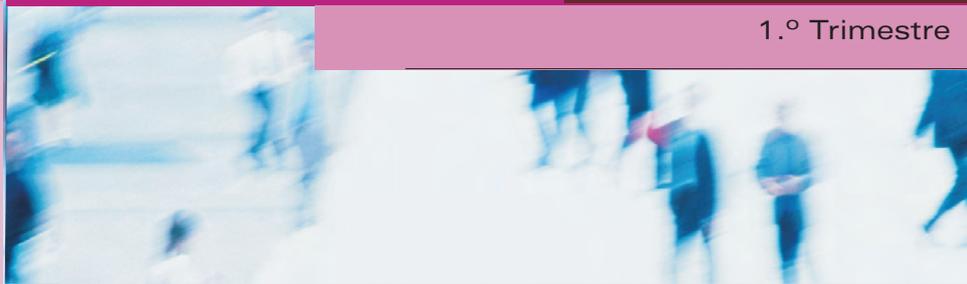
STATISTICS PORTUGAL



Estatísticas do Emprego

2010

1.º Trimestre



Edição 2010



INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA

75 *Years*
1935-2010

STATISTICS PORTUGAL

Estatísticas do Emprego

2010

1.º Trimestre

Edição 2010

FICHA TÉCNICA

Em Abril de 1996 o Fundo Monetário Internacional (FMI) criou o 'Special Data Dissemination Standard' (SDDS) visando reforçar a transparência, integridade, actualidade e qualidade da informação estatística. No âmbito do SDDS é disponibilizada informação sobre: dados macroeconómicos, política de divulgação ao público, política de revisões e metodologias subjacentes à preparação da informação estatística.

Portugal aderiu ao SDDS em Outubro de 1998, podendo ser consultada a informação referente ao nosso país no 'Dissemination Standard Bulletin Board' do FMI, acessível na Internet – <http://dsbb.imf.org>

Em articulação com o calendário de divulgação estabelecido no SDDS, igualmente disponível no referido endereço da Internet, o Instituto Nacional de Estatística publica, em primeira mão, na Internet - www.ine.pt as relevantes estatísticas sobre Contas Nacionais Trimestrais, Índice de Produção Industrial, Inquérito ao Emprego, Índice de Custo do Trabalho, Índice de Preços no Consumidor, Índice de Preços na Produção Industrial, Comércio Internacional e Estimativas da População Residente.

A informação estatística abrangida pelo SDDS relativa a Portugal é compilada pelo Ministério das Finanças, pelo Instituto Nacional de Estatística, pela Bolsa de Valores de Lisboa e pelo Banco de Portugal.

Título

Estatísticas do Emprego 2010

Editor

Instituto Nacional de Estatística, I.P.
Av. António José de Almeida
1000-043 Lisboa
Portugal
Telefone: 21 842 61 00
Fax: 21 844 04 01

Presidente do Conselho Directivo

Alda de Caetano Carvalho

Design e Composição

Instituto Nacional de Estatística, I.P.

ISSN 0872-7570

Depósito Legal nº 77257/94

Periodicidade Trimestral

O INE, I.P. na Internet

www.ine.pt



808 201 808

© INE, I.P., Lisboa · Portugal, 2010*

* A reprodução de quaisquer páginas desta obra é autorizada, excepto para fins comerciais, desde que mencionando o INE, I.P., como autor, o título da obra, o ano de edição, e a referência Lisboa-Portugal.

ESTATÍSTICAS DO EMPREGO – 1º TRIMESTRE DE 2010**ÍNDICE**

Resumo – <i>Abstract</i>	2
Nota introdutória.....	3
Sinais convencionais, símbolos, siglas, abreviaturas e esclarecimentos aos utilizadores	4
1. Análise dos resultados	5
1.1. População activa.....	5
1.2. População empregada.....	5
1.3. População desempregada.....	7
1.4. População inactiva.....	9
1.5. Fluxos trimestrais entre estados do mercado de trabalho.....	10
1.6. Regiões NUTS II.....	11
2. Quadros de resultados	13
3. Notas metodológicas.....	28
4. Conceitos	31
5. Outra informação disponível.....	34
6. Tema em análise: A relação entre o nível de escolaridade e o mercado de trabalho em 2009	36
Lista dos “Tema em análise” já publicados nas <i>Estatísticas do Emprego</i>	44

RESUMO – ABSTRACT

De acordo com os resultados do Inquérito ao Emprego relativos ao 1º trimestre de 2010, a população activa em Portugal subiu ligeiramente face ao trimestre homólogo de 2009 e aumentou 0,3% face ao trimestre anterior (14,0 mil indivíduos). Para a evolução homóloga registada são de destacar os seguintes resultados: o aumento no número de activos do sexo feminino (19,6 mil) e a diminuição no número de activos do sexo masculino (13,5 mil), o aumento no número de indivíduos com 45 e mais anos (47,0 mil) e a diminuição no dos indivíduos dos 15 aos 24 anos (41,3 mil), o aumento no número de indivíduos com nível de escolaridade completo correspondente ao ensino secundário e pós-secundário e ao ensino superior (73,5 mil e 28,4 mil, respectivamente) e a diminuição no número de indivíduos com nível de escolaridade completo correspondente, no máximo, ao 3º ciclo do ensino básico (95,8 mil). A taxa de actividade da população em idade activa (15 e mais anos) foi de 62,1%.

A população empregada diminuiu 1,8% (correspondendo a 90,4 mil indivíduos), face ao trimestre homólogo de 2009, e 0,3% (14,8 mil), face ao trimestre anterior. Para a evolução homóloga referida contribuíram essencialmente os seguintes resultados: a diminuição no número de empregados do sexo masculino (62,5 mil), dos 15 aos 34 anos (77,2 mil), com nível de escolaridade completo correspondente, no máximo, ao 3º ciclo do ensino básico (163,6 mil), a trabalhar no sector da indústria, construção, energia e água (83,7 mil), por conta própria (48,9 mil) e a tempo completo (88,4 mil). A taxa de emprego da população em idade activa (15 e mais anos) fixou-se nos 55,6%.

No 1º trimestre de 2010, o número de desempregados ascendeu a 592,2 milhares de indivíduos. A população desempregada aumentou 19,4% (96,4 mil indivíduos), face ao trimestre homólogo de 2009, e 5,1% (28,9 mil), face ao trimestre anterior. Para o acréscimo homólogo do desemprego contribuíram essencialmente os seguintes resultados: o aumento no número de desempregados do sexo masculino (48,9 mil) e feminino (47,4 mil), dos 45 e mais anos (40,2 mil), com nível de escolaridade completo correspondente, no máximo, ao 3º ciclo do ensino básico (67,8 mil), à procura de novo emprego (100,2 mil), cujo ramo da última actividade pertencia à indústria, construção, energia e água (49,3 mil) e serviços (44,8 mil), e à procura de emprego há um ou mais anos (90,2 mil). A taxa de desemprego foi de 10,6%, tendo aumentado 1,7 pontos percentuais (p.p.), face ao trimestre homólogo de 2009, e 0,5 p.p., face ao trimestre anterior.

A população inactiva com 15 e mais anos manteve-se estável, face ao trimestre homólogo de 2009, e diminuiu 1,0%, face ao trimestre anterior (34,6 mil). A taxa de inactividade (15 e mais anos) foi de 37,9%.

According to the Labour Force Survey results for the 1st quarter of 2010, the labour force in Portugal increased slightly, when compared with the 1st quarter of 2009, and increased by 0.3%, when compared with the previous one (14.0 thousand individuals). For the former evolution, the following results should be highlighted: the increase in the number of the active women (19.6 thousand) and the decrease in the number of the active men (13.5 thousand), the increase of the individuals aged 45 years old and over (47.0 thousand) and the decrease of the individuals aged 15 to 24 years old (41.3 thousand), the increase of those who completed the (upper) secondary and post-secondary non-tertiary and the tertiary levels of education (73.5 and 28.4 thousand, respectively) and the decrease of those who completed the first or the second stages of basic education (95.8 thousand). The working age participation rate (15 years old and over) was 62.1%.

In the 1st quarter of 2010, the number of people employed decreased by 1.8% (90.4 thousand individuals), when compared with the 1st quarter of 2009, and by 0.3% (14.8 thousand), when compared with the previous quarter. Concerning the former decrease, the following results should be highlighted: the decrease in the number of men employed (62.5 thousand), from 15 to 34 years old (77.2 thousand), who completed the first or the second stages of basic education (163.6 thousand), who were working in the mining and quarrying, manufacturing, electricity, gas and water supply, and construction sector (83.7 thousand), as self-employed (48.9 thousand), and working full-time (88.4 thousand). The working age employment rate (15 years old and over) was 55.6%.

In the 1st quarter of 2010, there was 592.2 thousand individuals unemployed. The number of unemployed people increased by 19.4% (96.4 thousand), when compared with the 1st quarter of 2009, and by 5.1% (28.9 thousand), when compared with the previous one. The following results contributed most for the former increase: the increase in the number of men and women (48.9 and 47.4 thousand, respectively), aged 45 years old and over (40.2 thousand), who completed the first or second stages of basic education (67.8 thousand), who were searching for a new job (100.2 thousand), coming from the mining and quarrying, manufacturing, electricity, gas and water supply, and construction sector (49.3 thousand) and from services sector (44.8 thousand), and searching for a job for one year or more (90.2 thousand). The unemployment rate was 10.6%, up 1.7 percentage points (p.p.) from the same quarter of 2009, and 0.5 p.p. from the previous quarter.

In the 1st quarter of 2010, the inactive population of 15 years old and over remained stable, when compared with the same quarter of 2009, and decreased 1.0%, when compared with the previous one (34.6 thousand). The working age economic inactivity rate was 37.9%.

NOTA INTRODUTÓRIA

Nesta publicação estão reunidas as principais estimativas obtidas a partir do Inquérito ao Emprego realizado durante o 1º trimestre de 2010. Os dados foram calibrados, tendo por referência as estimativas independentes da população calculadas a partir dos resultados definitivos dos Censos 2001.

O Instituto Nacional de Estatística expressa os seus agradecimentos a todos quantos permitiram a elaboração da presente publicação, nomeadamente às famílias que responderam ao inquérito. Igualmente se agradecem, antecipadamente, quaisquer críticas e sugestões que permitam melhorar futuras edições.

18 de Maio de 2010

SINAIS CONVENCIONAIS, SIGLAS E ABREVIATURAS

Sinais convencionais

Siglas e abreviaturas

o	Dado inferior a metade do módulo da unidade utilizada	CAE-Rev. 3	Classificação Portuguesa das Actividades Económicas, Revisão 3
x	Dado não disponível	CNP-94	Classificação Nacional das Profissões, Versão 1994
*	Dado rectificado	C.V.	Coefficiente de variação
%	Percentagem	H	Homens
-	Resultado nulo	HM	Homens e mulheres
		M	Mulheres
		NS/NR	Não sabe / Não responde
		NUTS	Nomenclatura das Unidades Territoriais para fins Estatísticos
		Nº	Número
		T	Trimestre
		p.p.	Pontos percentuais
		Unid.	Unidade

ESCLARECIMENTOS AOS UTILIZADORES

Notas gerais:

- Por razões de arredondamento, os totais dos quadros do capítulo 2 podem não corresponder à soma das parcelas.
- Os quadros apresentados no capítulo 2 encontram-se disponíveis, em formato Excel e CSV, em: http://www.ine.pt/portal/page/portal/PORTAL_INE/Publicacoes (seleccionando Estatísticas do Emprego – 1º trimestre de 2010). No 4º trimestre de cada ano, são também disponibilizados quadros contendo informação relativa aos últimos anos.

Unidade Orgânica responsável pela realização desta publicação:

Departamento de Estatísticas Demográficas e Sociais – Serviço de Estatísticas do Mercado de Trabalho

1. ANÁLISE DOS RESULTADOS

1.1. População activa

(Quadros 2 e 3)

Mulheres, com 45 e mais anos e com nível de escolaridade correspondente ao secundário e pós-secundário foram os que mais contribuíram para o acréscimo homólogo ligeiro da população activa no 1º trimestre de 2010

A população activa em Portugal, no 1º trimestre de 2010, estimada em 5 600,8 mil indivíduos, subiu ligeiramente face ao trimestre homólogo de 2009, registando um aumento de apenas 0,1% (abrangendo 6,0 mil indivíduos), e subiu 0,3% face ao trimestre anterior (14,0 mil).

No Gráfico 1, apresenta-se a decomposição do acréscimo homólogo da população activa nas suas várias componentes: população empregada e desempregada, sexo, quatro grupos etários e três níveis de escolaridade completos. A sua leitura¹ permite obter uma percepção imediata da parte que cada componente representa naquele decréscimo, uma vez que a soma dos contributos das componentes de cada um dos grupos populacionais iguala a variação homóloga da população activa (representada pela barra de cor mais escura). Por exemplo, a população empregada diminuiu 90,4 mil indivíduos e a desempregada aumentou 96,4 mil indivíduos, explicando o aumento na população activa de 6,0 mil indivíduos. Destes valores decorre que a taxa de variação homóloga da população activa (0,1%) pode ser obtida pela soma dos dois contributos seguintes – a diminuição da população empregada (cujo contributo foi de -1,6 pontos percentuais, p.p.) e o aumento da população desempregada (cujo contributo foi de 1,7 p.p.) – independentemente da taxa de variação homóloga que cada um destes grupos populacionais tenha registado.

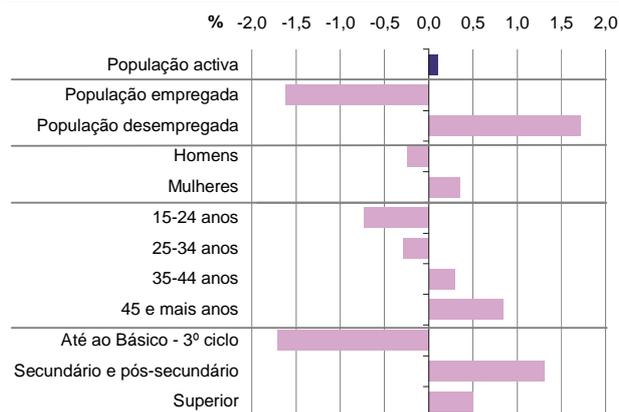
Numa análise por sexo, e em termos homólogos, a relativa estabilidade da oferta de mão-de-obra foi explicada pela diminuição de homens activos (13,5 mil indivíduos), que foi mais do que compensada pelo aumento do número de mulheres activas (19,6 mil).

Por grupo etário, verifica-se, face ao trimestre homólogo de 2009, um decréscimo da população activa dos 15 aos 24 anos (41,3 mil indivíduos). Pelo contrário, a população activa com 45 e mais anos registou um aumento, abrangendo 47,0 mil indivíduos.

O número de activos com nível de escolaridade completo correspondente, no máximo, ao 3º ciclo do ensino básico diminuiu, face ao trimestre homólogo de 2009, 2,5% (95,8 mil indivíduos). Por seu turno, o número daqueles que

possuem uma qualificação correspondente ao ensino secundário e pós-secundário e ao ensino superior aumentou 8,2% (73,5 mil) e 3,3% (28,4 mil), respectivamente.

Gráfico 1: Contributos para a taxa de variação homóloga da população activa no 1º trimestre de 2010



A taxa de actividade da população em idade activa (15 e mais anos) foi de 62,1%, no 1º trimestre de 2010. Este valor é igual ao registado no trimestre homólogo de 2009 e superior ao observado no trimestre anterior, em 0,3 p.p..

A taxa de actividade dos homens em idade activa (68,3%) excedeu a das mulheres (56,5%) em 11,8 p.p.. A taxa de actividade dos jovens (15 a 24 anos), que ascendeu a 37,8% no 1º trimestre de 2010, corresponde a menos de metade das taxas dos dois grupos etários seguintes: 25 a 34 anos e 35 a 44 anos (cujas taxas se situaram em 90,7% e 90,4%, respectivamente).

1.2. População empregada

(Quadros 4 a 8)

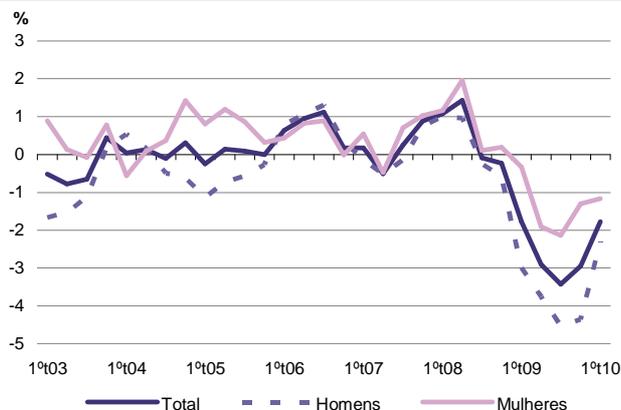
Homens, dos 15 aos 34 anos, com nível de escolaridade básico, empregados na indústria e construção, a trabalhar por conta própria e a tempo completo foram os que mais contribuíram para o decréscimo homólogo da população empregada no 1º trimestre de 2010

A população empregada, estimada em 5 008,7 mil indivíduos no 1º trimestre de 2010, registou um decréscimo homólogo de 1,8% (90,4 mil indivíduos) e trimestral de 0,3% (14,8 mil). O número de homens empregados diminuiu 2,3%, face ao trimestre homólogo (62,5 mil), e o de mulheres diminuiu 1,2% (27,9 mil). Face ao trimestre anterior, tanto o emprego de homens como o

¹ Consultar o capítulo 4. Conceitos.

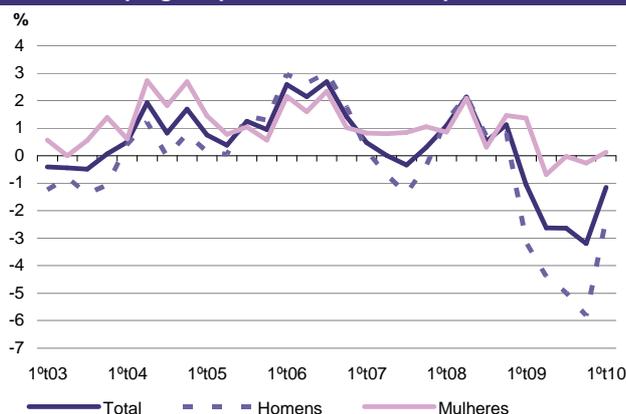
de mulheres diminuiu 0,3% (6,7 mil e 8,1 mil, respectivamente).

Gráfico 2: Taxa de variação homóloga da população empregada por sexo



A população empregada por conta de outrem em Portugal era de 3 839,8 mil indivíduos no 1º trimestre de 2010, o que corresponde a 76,7% da população empregada total.

Gráfico 3: Taxa de variação homóloga da população empregada por conta de outrem por sexo

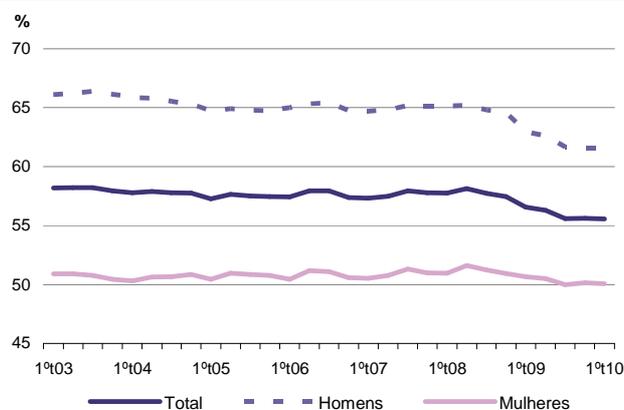


Face ao trimestre homólogo de 2009, assistiu-se a um decréscimo no número de trabalhadores por conta de outrem de 1,2% (correspondendo a 44,7 mil indivíduos). Face ao trimestre anterior, verificou-se um aumento de 0,3% (12,7 mil). Face ao trimestre homólogo, a redução na população empregada por conta de outrem ocorreu apenas para os homens (2,3%, abrangendo 47,1 mil indivíduos). O número de mulheres empregadas por conta de outrem, pelo contrário, permaneceu praticamente inalterado. O acréscimo trimestral da população empregada por conta de outrem foi observado para ambos os sexos, tendo aumentado 0,5% (9,2 mil) para os homens e 0,2% para as mulheres (3,6 mil).

A taxa de emprego (15 e mais anos) situou-se em 55,6% no 1º trimestre de 2010. Este valor foi inferior ao do trimestre homólogo de 2009, em 1,0 p.p., e igual ao do trimestre anterior. Também a este nível, existe uma

discrepância entre as taxas de emprego específicas de cada sexo: a taxa de emprego dos homens (61,5%), no trimestre em análise, excedeu a das mulheres (50,1%) em 11,4 p.p..

Gráfico 4: Taxa de emprego por sexo



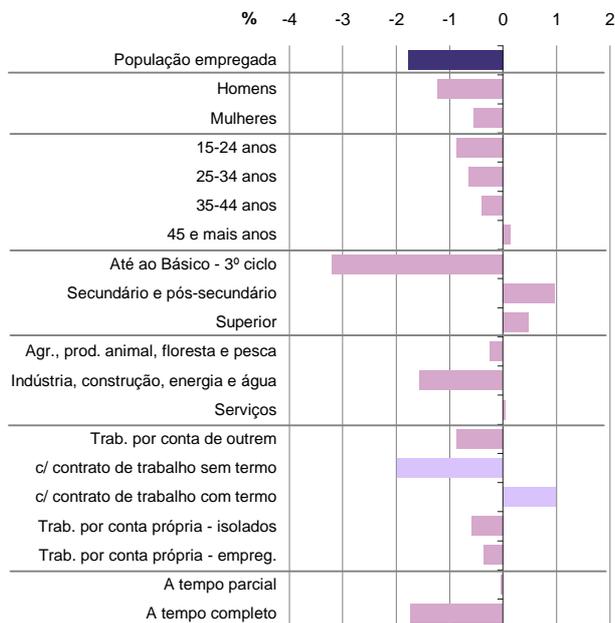
Para a evolução homóloga da população empregada contribuíram essencialmente as seguintes componentes (Gráfico 5):

- População empregada de homens, que diminuiu 2,3% (62,5 mil indivíduos), explicando 69,1% do decréscimo total na população empregada.
- População empregada dos 15 aos 24 anos e dos 25 aos 34 anos, que diminuiu 11,4% (44,3 mil indivíduos) e 2,5% (32,9 mil), respectivamente. A população empregada dos 35 aos 44 anos e dos 45 aos 64 anos diminuiu menos (abrangendo 20,0 mil e 4,2 mil indivíduos, respectivamente). Pelo contrário, a população empregada com 65 e mais anos registou um aumento de 3,5% (11,0 mil).
- População empregada com nível de escolaridade completo correspondente, no máximo, ao 3º ciclo do ensino básico, cujo decréscimo foi de 4,7% e abrangeu 163,6 mil indivíduos. A população empregada com nível de escolaridade correspondente ao ensino secundário e pós-secundário e ao ensino superior, pelo contrário, aumentou 6,0% e 3,0% (49,2 mil e 24,1 mil), respectivamente.
- População empregada na indústria, construção, energia e água, que diminuiu 5,8% (83,7 mil indivíduos). Neste sector, a maior parte do decréscimo do emprego (50,1%) foi explicado pelo decréscimo que ocorreu na população empregada nas indústrias transformadoras, que abrangeu 41,9 mil indivíduos. No sector da agricultura, produção animal, caça, floresta e pesca o emprego manteve-se praticamente inalterado e no sector dos serviços diminuiu ligeiramente (0,2%, correspondendo a 7,6 mil indivíduos), destacando-se os decréscimos da população empregada nas actividades de consultoria, científicas, técnicas e

similares (17,9%; 33,0 mil), nas actividades de comércio por grosso e a retalho (3,2%; 25,0 mil) e nas actividades de alojamento e restauração (3,7%; 11,4 mil).

- Trabalhadores por conta de outrem, sobretudo com contrato de trabalho sem termo, e trabalhadores por conta própria. O número de trabalhadores por conta de outrem diminuiu 1,2% (44,7 mil indivíduos) e o número de trabalhadores por conta própria diminuiu 4,2% (48,9 mil). O número de empregados por conta de outrem com um contrato sem termo diminuiu 3,3% (101,1 mil). Pelo contrário, o número de indivíduos com contrato com termo aumentou 7,3% (50,2 mil) e o de indivíduos noutras situações contratuais aumentou 4,1% (6,2 mil).
- Trabalhadores a tempo completo, cujo número diminuiu 2,0% (88,4 mil indivíduos), o que explica 97,8% da redução global do emprego. A redução no número de trabalhadores a tempo completo ocorreu principalmente nos homens. A redução no número de trabalhadores a tempo parcial verificou-se apenas para as mulheres (6,5%; 25,6 mil), registando-se um aumento de 11,7% no número de homens que trabalham a tempo parcial (23,6 mil).

Gráfico 5: Contributos para a taxa de variação homóloga da população empregada no 1º trimestre de 2010



O número de indivíduos a trabalhar involuntariamente abaixo da duração normal de trabalho, que se designa por subemprego visível, aumentou 7,7%, face ao trimestre homólogo de 2009, e diminuiu 1,8%, face ao trimestre anterior. Estas variações envolveram 4,7 mil e 1,2 mil indivíduos, respectivamente.

O subemprego visível, correspondente a 66,0 mil indivíduos no 1º trimestre de 2010, era composto essencialmente por mulheres (65,2%).

1.3. População desempregada

(Quadros 9 a 13)

No 1º trimestre de 2010, o acréscimo homólogo do desemprego abrangeu homens e mulheres, indivíduos com 45 e mais anos, indivíduos com nível de escolaridade correspondente, no máximo, ao 3º ciclo do ensino básico, à procura de novo emprego, sobretudo os provenientes da indústria, construção, energia e água e à procura de emprego há 12 e mais meses

A população desempregada em Portugal, estimada em 592,2 mil indivíduos no 1º trimestre de 2010, verificou um acréscimo homólogo de 19,4% (96,4 mil indivíduos) e trimestral de 5,1% (28,9 mil).

Gráfico 6: Taxa de variação homóloga da população desempregada por sexo

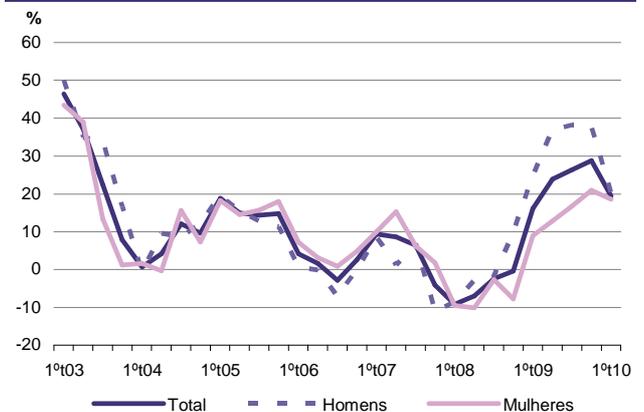
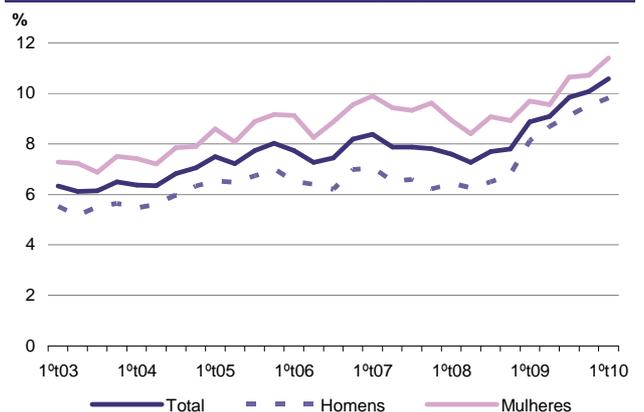


Gráfico 7: Taxa de desemprego por sexo

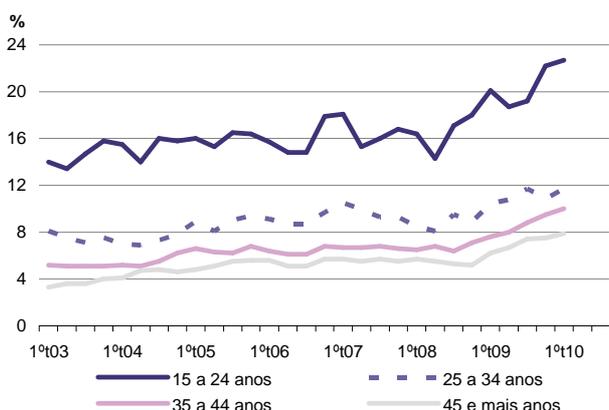


A taxa de desemprego foi de 10,6%, no 1º trimestre de 2010, traduzindo um acréscimo de 1,7 p.p., face ao trimestre homólogo de 2009, e de 0,5 p.p., face ao trimestre anterior. A taxa de desemprego dos homens (9,8%), no trimestre em análise, foi inferior à das mulheres (11,4%) em 1,6 p.p.. Esta discrepância tem-se verificado desde o início da série actual do Inquérito ao Emprego. A taxa de desemprego dos homens aumentou, quer face ao

trimestre homólogo de 2009, quer face ao anterior (1,7 p.p. e 0,3 p.p., respectivamente), tal como a taxa de desemprego das mulheres (1,7 p.p. e 0,7 p.p., respectivamente).

A taxa de desemprego de jovens (15 a 24 anos) foi de 22,7%, valor superior ao observado no trimestre homólogo de 2009, em 2,6 p.p., e ao observado no trimestre anterior, em 0,5 p.p.. Aquela taxa é mais do dobro da taxa de desemprego global. O número de desempregados jovens representava 17,0% do total de desempregados, percentagem inferior à do trimestre anterior (17,8%) e à do trimestre homólogo de 2009 (19,7%).

Gráfico 8: Taxa de desemprego por grupo etário



A taxa de desemprego dos indivíduos com nível de escolaridade completo correspondente, no máximo, ao 3º ciclo do ensino básico foi de 11,5%, no 1º trimestre de 2010, valor superior ao observado para os indivíduos com ensino secundário e pós-secundário (10,9%) e ao observado para os indivíduos com nível de ensino superior (6,2%). A taxa de desemprego dos indivíduos com nível de escolaridade correspondente, no máximo, ao 3º ciclo do ensino básico aumentou 2,0 p.p., face ao trimestre homólogo de 2009, e 0,5 p.p., face ao trimestre anterior. A taxa de desemprego dos indivíduos com nível de escolaridade correspondente ao ensino secundário e pós-secundário aumentou 1,8 p.p., face ao trimestre homólogo, e 1,0 p.p., face ao anterior. A taxa de desemprego dos indivíduos com ensino superior aumentou 0,3 p.p., face ao trimestre homólogo, e diminuiu 0,2 p.p., face ao anterior.

O número de desempregados à procura de emprego há 12 e mais meses – desemprego de longa duração – aumentou 42,0%, face ao trimestre homólogo do ano anterior (90,2 mil indivíduos), e 9,2%, face ao trimestre anterior (25,7 mil). O número de desempregados à procura de emprego há menos de um ano aumentou 2,2%, face ao trimestre homólogo (6,0 mil), e 1,1%, face ao anterior (3,1 mil).

A taxa de desemprego de longa duração (medida pela razão entre o número de desempregados à procura de emprego há 12 e mais meses e a população activa)

registou um valor de 5,4%, no 1º trimestre de 2010. A proporção de desempregados à procura de emprego há 12 e mais meses no total dos desempregados foi estimada em 51,5%.

Gráfico 9: Taxa de desemprego por nível de escolaridade completo

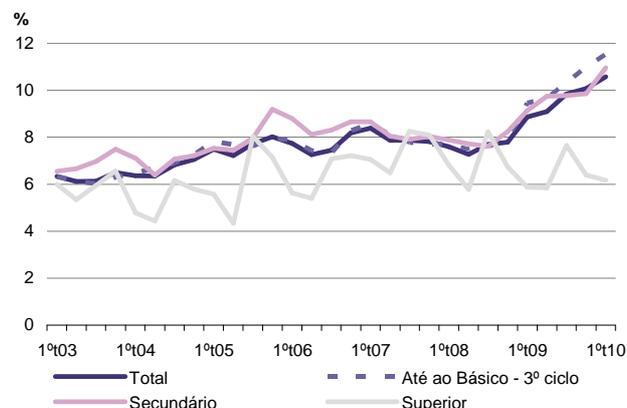


Gráfico 10: Proporção de desempregados à procura de emprego há 12 e mais meses



O aumento homólogo do desemprego fez-se sentir em todas as classes de duração da procura de emprego, com excepção da classe “1 a 6 meses”, que registou uma diminuição de 8,5% (16,3 mil indivíduos). Os acréscimos com maior expressão verificaram-se nas classes de “12 a 24 meses”, onde o desemprego aumentou 55,9% (51,8 mil), e de “25 e mais meses”, onde o desemprego aumentou 31,4% (38,4 mil).

De forma resumida, pode concluir-se que para a variação homóloga da população desempregada contribuíram essencialmente as variações nos seguintes agregados (Gráfico 11):

- Desemprego de homens, que aumentou 20,3% (48,9 mil indivíduos) e de mulheres, que aumentou 18,6% (47,4 mil).
- População desempregada de todos os grupos etários. Em particular, destaca-se o aumento no desemprego dos grupos dos 45 e mais anos, de

28,9% (40,2 mil indivíduos), e dos 35 aos 44 anos, de 33,5% (36,3 mil).

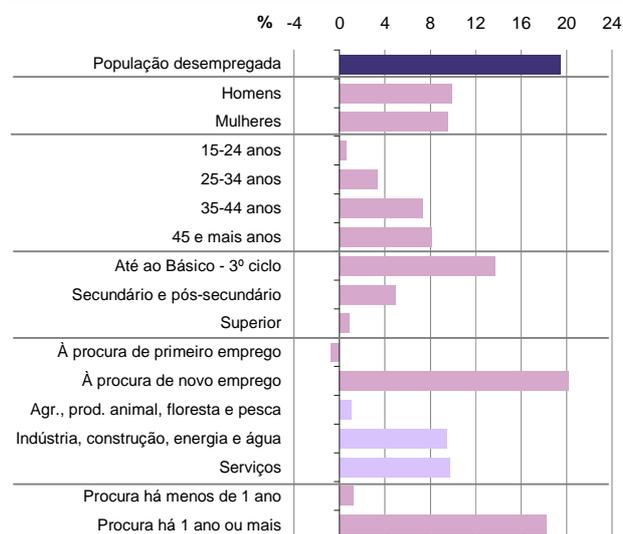
- População desempregada com um nível de escolaridade correspondente, no máximo, ao 3º ciclo do ensino básico e ao ensino secundário e pós-secundário. No caso dos indivíduos com nível de escolaridade correspondente ao ensino básico, o desemprego aumentou 18,7% (67,8 mil). No caso dos indivíduos com ensino secundário e pós-secundário, o desemprego aumentou 29,6% (24,3 mil). Por seu turno, o número de desempregados com um nível de escolaridade correspondente ao ensino superior também aumentou, embora o seu contributo para o aumento global do desemprego tenha sido menor (8,5%, abrangendo 4,3 mil indivíduos).
- Desempregados à procura de novo emprego, cujo número aumentou 23,0% (100,2 mil indivíduos). O número de desempregados à procura de primeiro emprego, pelo contrário, diminuiu 6,4% (3,8 mil). O aumento no número de desempregados à procura de novo emprego teve origem essencialmente nos sectores de actividade da indústria, construção, energia e água e dos serviços, embora o aumento no desemprego de indivíduos cuja última actividade pertenceu à indústria, construção, energia e água tivesse sido o mais expressivo (de 25,6%, abrangendo 49,3 mil indivíduos, o que corresponde a 49,2% do aumento no desemprego à procura de novo emprego).
- Desempregados à procura de emprego há 12 e mais meses, cujo número aumentou 42,0% (90,2 mil indivíduos). O número de desempregados à procura de emprego há menos de um ano também aumentou, mas de forma menos expressiva (2,2%; 6,0 mil).

Face ao trimestre anterior, a taxa de desemprego aumentou, o que resultou do efeito conjugado da diminuição da população empregada (de 0,3%) e do aumento da população desempregada (de 5,1%), abrangendo 14,8 mil indivíduos, no primeiro caso, e 28,9 mil indivíduos, no segundo.

Face ao trimestre anterior, são de destacar as seguintes evoluções, de natureza idêntica às que foram referidas a propósito da variação homóloga: o número de desempregados aumentou para ambos os sexos, mas sobretudo para as mulheres; o desemprego aumentou em todos os grupos etários, sobretudo nos grupos etários dos 25 aos 34 anos e dos 45 e mais anos; o número de desempregados aumentou para os indivíduos com nível de escolaridade completo correspondente, no máximo, ao 3º ciclo do ensino básico e ao ensino secundário e pós-secundário, mas sobretudo para aqueles que completaram, no máximo, o 3º ciclo do ensino básico; o número de indivíduos à procura de novo emprego aumentou (neste caso, sobretudo para os indivíduos provenientes do sector dos serviços) e o número de

indivíduos à procura de primeiro emprego diminuiu; o número de indivíduos desempregados à procura de emprego há um e mais anos aumentou mais do que o número de desempregados à procura de emprego há menos de um ano.

Gráfico 11: Contributos para a taxa de variação homóloga da população desempregada no 1º trimestre de 2010



1.4. População inactiva

(Quadro 14)

Mulheres, indivíduos dos 25 aos 44 anos, domésticos e outros inactivos explicam o decréscimo homólogo ligeiro no número de inactivos com 15 e mais anos, no 1º trimestre de 2010

A população inactiva em Portugal, no 1º trimestre de 2010, era composta por 5 029,9 mil indivíduos, mantendo-se praticamente inalterada, face ao trimestre homólogo de 2009, e tendo diminuído 0,6%, face ao trimestre anterior (30,6 mil).

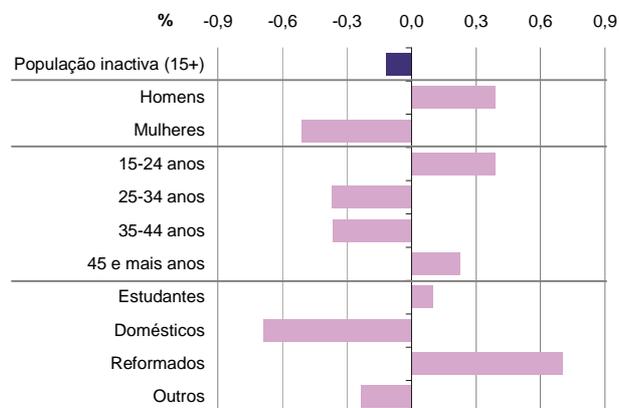
A população inactiva com 15 e mais anos, no 1º trimestre de 2010, era composta por 3 413,7 mil indivíduos (67,9% do total de inactivos), o que se traduziu numa taxa de inactividade de 37,9%.

Face ao 1º trimestre de 2009, a população inactiva com 15 e mais anos também se manteve estável, apresentando uma diminuição pouco significativa de 0,1% (4,1 mil indivíduos). O número de homens inactivos aumentou 1,0% (13,4 mil) e o de mulheres inactivas diminuiu 0,8% (17,5 mil). No 1º trimestre de 2010, 59,9% da população inactiva com 15 e mais anos era composta por mulheres.

O número de indivíduos inactivos disponíveis para trabalhar era de 71,1 mil, tendo aumentado 5,8% face ao trimestre homólogo (3,9 mil) e diminuído 3,3% (2,4 mil), face ao trimestre anterior. O número de inactivos

disponíveis, no trimestre em análise, representava 2,1% da população inactiva com 15 e mais anos e 65,5% eram mulheres.

Gráfico 12: Contributos para a taxa de variação homóloga da população inactiva com 15 e mais anos no 1º trimestre de 2010



O número de inactivos desencorajados foi estimado em 36,2 mil, tendo aumentado 39,2% (10,2 mil indivíduos), face ao trimestre homólogo de 2009, e 9,7% (3,2 mil), face ao anterior. No trimestre em análise, o número de inactivos desencorajados representava 1,1% da população inactiva com 15 e mais anos e 62,7% eram mulheres.

Os aumentos homólogos no número de inactivos disponíveis e no número de inactivos desencorajados foram explicados sobretudo pelo aumento de mulheres naquelas situações.

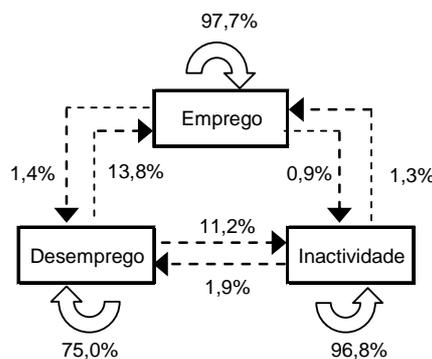
1.5. Fluxos trimestrais entre estados do mercado de trabalho

Neste capítulo, apresenta-se uma análise dos fluxos de indivíduos com 15 e mais anos, ocorridos entre o 4º trimestre de 2009 e o 1º trimestre de 2010, entre três estados do mercado de trabalho que correspondem às diferentes condições perante o trabalho: emprego, desemprego e inactividade. Estes fluxos são estimados tendo por referência as respostas dos indivíduos entrevistados naqueles dois trimestres, o que corresponde a utilizar 5/6 da amostra do Inquérito ao Emprego comum nos dois trimestres.

Os valores relativos aos fluxos de indivíduos, ocorridos entre dois quaisquer estados, que são apresentados no diagrama e no Quadro A, correspondem às proporções de indivíduos que inicialmente se encontravam em cada estado, no 4º trimestre de 2009, que transitaram para outro estado, no 1º trimestre de 2010. Assim sendo, em cada linha do quadro está representada a distribuição, no 1º trimestre de 2010, dos indivíduos que se encontravam em cada um dos estados no 4º trimestre de 2009.

Do 4º trimestre de 2009 para o 1º trimestre de 2010, 1,4% dos indivíduos que estavam inicialmente empregados transitaram para o desemprego e 0,9% transitaram para a inactividade, totalizando 2,3% a proporção de empregados que saíram deste estado no 1º trimestre de 2010 (97,7% permaneceram empregados). Do 3º para o 4º trimestre de 2009, a percentagem dos que saíram do emprego tinha sido maior (2,7%).

Fluxos trimestrais entre estados do mercado de trabalho (em % do estado inicial)



Quadro A: Fluxos trimestrais entre estados do mercado de trabalho (em % do estado inicial)

	1º2010	Emprego	Desemprego	Inactividade	Total
4º2009					4º2009
Total					
Emprego	97,7	1,4	0,9	100	
Desemprego	13,8	75,0	11,2	100	
Inactividade	1,3	1,9	96,8	100	
Total 1º2010	55,7	6,2	38,1	100	
Homens					
Emprego	97,9	1,3	0,8	100	
Desemprego	14,6	76,6	8,9	100	
Inactividade	1,5	2,1	96,4	100	
Total 1º2010	61,6	6,5	31,9	100	
Mulheres					
Emprego	97,5	1,4	1,1	100	
Desemprego	13,1	73,5	13,4	100	
Inactividade	1,1	1,8	97,1	100	
Total 1º2010	50,2	6,0	43,8	100	

As saídas do desemprego entre os dois trimestres foram, em termos relativos, mais intensas do que as saídas do emprego. Do total de indivíduos que se encontravam desempregados no 4º trimestre de 2009, 25,0% saíram dessa situação no trimestre seguinte, sendo que 13,8% se tornaram empregados e 11,2% transitaram para a inactividade. As percentagens dos indivíduos que transitaram do desemprego para o emprego e do desemprego para a inactividade foram menores do que as que tinham sido observadas nos fluxos do 3º para o 4º trimestre de 2009 (tinham sido 15,3% e 13,1%, respectivamente).

Do total de indivíduos com 15 e mais anos que eram considerados inactivos no 4º trimestre de 2009, 1,3% transitaram para o emprego e 1,9% transitaram para o desemprego, no trimestre seguinte. Estas percentagens

são inferiores às registadas nos fluxos do 3º para o 4º trimestre de 2009 (1,7% e 2,5%, respectivamente).

Os homens apresentaram, no período em análise, em relação às mulheres, maiores taxas de transição do desemprego para o emprego e da inactividade para o emprego. Por seu turno, as mulheres apresentaram maiores taxas de entrada na inactividade (com origem no emprego ou no desemprego) e de entrada no desemprego com origem no emprego.

No Quadro B apresentam-se os fluxos trimestrais entre os mesmos estados considerados anteriormente, mas em proporção da população em idade activa (população com 15 e mais anos). A imposição de um denominador comum a todas as transições entre estados permite calcular fluxos líquidos entre estados (entradas menos saídas de cada estado, em percentagem da população em idade activa).

Quadro B: Fluxos trimestrais entre estados do mercado de trabalho (em % da população com 15 e mais anos)

	1º2010	Emprego	Desemprego	Inactividade	Fluxos de saída
4º2009					
Total					
Emprego		54,31	0,75	0,52	1,27
Desemprego		0,87	4,75	0,71	1,58
Inactividade		0,48	0,73	36,88	1,21
Fluxos de entrada		1,35	1,48	1,23	
Homens					
Emprego		60,16	0,80	0,49	1,29
Desemprego		0,95	5,02	0,58	1,54
Inactividade		0,49	0,66	30,84	1,14
Fluxos de entrada		1,44	1,46	1,08	
Mulheres					
Emprego		48,94	0,71	0,54	1,26
Desemprego		0,80	4,50	0,82	1,62
Inactividade		0,47	0,79	42,42	1,26
Fluxos de entrada		1,27	1,51	1,36	

Do 4º trimestre de 2009 para o 1º trimestre de 2010, os fluxos do emprego para o desemprego representavam 0,75% da população em idade activa, mais do que aquilo que representavam os fluxos do emprego para a inactividade (0,52%), perfazendo um total de 1,27% de saídas do emprego (em percentagem da população em idade activa). As entradas no emprego provenientes do desemprego foram estimadas em 0,87% da população em idade activa e as provenientes da inactividade em 0,48%. Em consequência, entre os dois trimestres assistiu-se a um fluxo líquido positivo do emprego de 0,08%.

O aumento líquido no emprego foi observado tanto para as mulheres como para os homens, tendo, no entanto, sido estimada em 0,01% para as mulheres e em 0,15% para os homens.

O fluxo líquido do desemprego foi negativo (estimado em 0,10% da população em idade activa), o que resulta do

total de entradas (1,48%) ter sido inferior ao total das saídas (1,58%). A importância das entradas no desemprego de indivíduos provenientes da inactividade (0,73% da população em idade activa) foi inferior à de indivíduos anteriormente empregados (0,75%). As saídas do desemprego com destino à inactividade (0,71%) foram inferiores às que tiveram como destino o emprego (0,87%).

Do 4º trimestre de 2009 para o 1º trimestre de 2010, há ainda a assinalar as seguintes diferenças por sexo nos fluxos líquidos dos estados do emprego, do desemprego e da inactividade: o fluxo do emprego é positivo para ambos os sexos, mas mais acentuado para os homens; o fluxo do desemprego é negativo para ambos os sexos, mas mais forte para as mulheres; o fluxo da inactividade é negativo para os homens e positivo para as mulheres.

1.6. Regiões NUTS II

(Quadros 15 e 16)

No 1º trimestre de 2010, o desemprego aumentou em todas as regiões do país, com excepção da Região Autónoma da Madeira, e o emprego diminuiu, com excepção do Alentejo, face ao trimestre homólogo de 2009. Os maiores acréscimos no número de desempregados e os maiores decréscimos no número de empregados ocorreram nas regiões Norte e Lisboa

No 1º trimestre de 2010, a população activa residente em Portugal manteve-se praticamente inalterada face ao trimestre homólogo de 2009. Esta situação resultou do efeito conjugado do acréscimo na população activa nas regiões NUTS II do Norte, Centro, Alentejo e Algarve e do decréscimo da população activa nas regiões NUTS II de Lisboa, Região Autónoma dos Açores e Região Autónoma da Madeira.

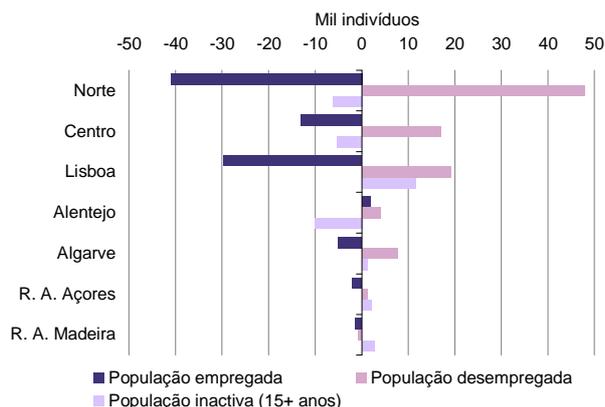
O maior acréscimo absoluto da população activa ocorreu no Norte (abrangendo 6,9 mil indivíduos), região de residência de 35,5% da população activa do país no 1º trimestre de 2010. O maior decréscimo absoluto verificou-se em Lisboa (10,4 mil), região de residência de 25,3% da população activa do país no trimestre referido.

As duas componentes da população activa, emprego e desemprego, evoluíram de forma semelhante em todas as regiões, com excepção da região do Alentejo, no caso do emprego, e da Região Autónoma da Madeira, no caso do desemprego (Gráfico 13).

Na região Norte, o número de empregados diminuiu 2,3% face ao trimestre homólogo (abrangendo 41,0 mil indivíduos). Ao mesmo tempo, o número de desempregados aumentou 24,1% (48,0 mil). Estas variações foram as que envolveram o maior número de indivíduos de entre as regiões NUTS II do país. A conjugação da evolução daqueles dois agregados determinou o aumento na taxa de desemprego da região,

de 10,1%, no 1º trimestre de 2009, para 12,5%, no 1º trimestre de 2010. Esta região apresentava, no 1º trimestre de 2010, a segunda maior taxa de desemprego do país. O número de residentes na região Norte na situação de desemprego, no 1º trimestre de 2010, era de 247,4 mil indivíduos, representando 41,8% do total de desempregados no país, e o de empregados era de 1 738,3 mil indivíduos, o que correspondia a 34,7% da população empregada no país.

Gráfico 13: Variação homóloga da população empregada, desempregada e inactiva com 15 e mais anos por região NUTS II



No 1º trimestre de 2010, a região Centro registou uma diminuição na população empregada de 1,0% (abrangendo 13,0 mil indivíduos), face ao trimestre homólogo de 2009, e um aumento na população desempregada de 18,8% (17,0 mil). A taxa de desemprego aumentou, de 6,7%, no 1º trimestre de 2009, para 7,9%, no 1º trimestre de 2010. Nesta região residiam 24,9% dos empregados do país e 18,1% dos desempregados.

Em Lisboa, a população empregada diminuiu 2,3% (29,7 mil indivíduos), face ao trimestre homólogo de 2009, e a população desempregada aumentou 14,7% (19,1 mil). Em consequência, a taxa de desemprego aumentou, passando de 9,1%, no 1º trimestre de 2009, para 10,5%, no 1º trimestre de 2010. Em Lisboa residiam 25,4% dos empregados do país e 25,1% dos desempregados, no 1º trimestre de 2010.

No Alentejo, a população empregada aumentou 0,6% (1,9 mil indivíduos), face ao trimestre homólogo de 2009, e a população desempregada aumentou 11,0% (4,1 mil). A taxa de desemprego subiu, passando de 10,2%, no 1º trimestre de 2009, para 11,1%, no 1º trimestre de 2010.

No Algarve, a população empregada diminuiu 2,5% (5,0 mil indivíduos), face ao trimestre homólogo de 2009, e a população desempregada aumentou 34,4% (7,8 mil). A taxa de desemprego passou de 10,3%, no 1º trimestre de 2009, para 13,6%, no 1º trimestre de 2010. Esta região apresentava, no 1º trimestre de 2010, o maior acréscimo homólogo neste indicador (3,3 p.p.) e também a maior taxa de desemprego do país.

Nestas duas regiões, Alentejo e Algarve, residiam 10,5% dos empregados do país e 12,1% dos desempregados.

A população inactiva com 15 e mais anos aumentou, face ao trimestre homólogo de 2009, em Lisboa, no Algarve, na Região Autónoma dos Açores e na Região Autónoma da Madeira e diminuiu no Norte, no Centro e no Alentejo. O aumento que mais se destacou, em termos absolutos, foi o de Lisboa, que abrangeu 11,7 mil indivíduos.

No 1º trimestre de 2010, a taxa de inactividade (15 e mais anos) aumentou, face ao trimestre homólogo de 2009, nas regiões Lisboa, Região Autónoma dos Açores e Região Autónoma da Madeira e diminuiu nas restantes. As maiores taxas de inactividade pertenciam ao Alentejo, à Região Autónoma dos Açores, a Lisboa e ao Algarve (43,0%, 40,6%, 40,2% e 39,2%, respectivamente), enquanto que a menor taxa foi registada no Centro (33,9%).

2. QUADROS DE RESULTADOS

1. População total por grupo etário, sexo e nível de escolaridade completo.....	14
2. População activa por grupo etário, sexo e nível de escolaridade completo	15
3. Taxa de actividade por grupo etário, sexo e nível de escolaridade completo	16
4. População empregada por grupo etário, sexo e nível de escolaridade completo	17
5. Taxa de emprego por grupo etário, sexo e nível de escolaridade completo	18
6. População empregada por sector de actividade principal (CAE-Rev. 3) e sexo	19
7. População empregada por profissão principal (CNP-94), situação na profissão e sexo	20
8. População empregada total e por conta de outrem por regime de duração do trabalho e sexo, população empregada por conta de outrem por tipo de contrato de trabalho e sexo e subemprego visível por sexo.....	21
9. População desempregada por grupo etário, sexo e nível de escolaridade completo.....	22
10. Taxa de desemprego por grupo etário, sexo e nível de escolaridade completo.....	23
11. População desempregada por duração da procura de emprego	23
12. Taxas de desemprego por duração da procura de emprego.....	24
13. População desempregada à procura de primeiro emprego e de novo emprego por sector da última actividade (CAE-Rev. 3)	24
14. População inactiva	25
15. População total, activa, empregada, desempregada e inactiva por região NUTS II (NUTS-2002)	26
16. Taxa de actividade, de emprego, de desemprego e de inactividade por região NUTS II (NUTS-2002).....	27

Nota: Estes quadros encontram-se disponíveis, em formato Excel e CSV, em:

http://www.ine.pt/portal/page/portal/PORTAL_INE/Publicacoes (seleccionando Estatísticas do Emprego – 1º trimestre de 2010).

1. População total por grupo etário, sexo e nível de escolaridade completo									
Portugal	Sexo	Valor trimestral					C.V.	Variação	
		1ºT-2009	2ºT-2009	3ºT-2009	4ºT-2009	1ºT-2010		1ºT-2010	Homóloga
Milhares de indivíduos						%			
População total	HM	10 630,7	10 634,4	10 641,0	10 647,3	10 630,7	-	-	-0,2
	H	5 145,5	5 147,3	5 150,5	5 153,4	5 144,6	-	o	-0,2
	M	5 485,2	5 487,1	5 490,5	5 493,9	5 486,1	-	o	-0,1
População com 15 e mais anos	HM	9 012,6	9 018,5	9 027,0	9 035,1	9 014,6	-	o	-0,2
	H	4 315,6	4 318,5	4 322,7	4 326,6	4 315,4	-	o	-0,3
	M	4 697,1	4 700,0	4 704,3	4 708,5	4 699,2	-	o	-0,2
Menos de 15 anos	HM	1 618,1	1 615,8	1 614,0	1 612,2	1 616,1	-	-0,1	0,2
	H	830,0	828,8	827,8	826,8	829,2	-	-0,1	0,3
	M	788,1	787,0	786,2	785,3	786,9	-	-0,2	0,2
Dos 15 aos 24 anos	HM	1 201,5	1 193,8	1 186,5	1 179,1	1 173,4	-	-2,3	-0,5
	H	613,3	609,4	605,7	602,0	598,0	-	-2,5	-0,7
	M	588,1	584,4	580,7	577,1	575,5	-	-2,1	-0,3
Dos 25 aos 34 anos	HM	1 613,6	1 610,3	1 607,3	1 604,3	1 585,0	-	-1,8	-1,2
	H	814,9	813,4	812,2	810,9	801,4	-	-1,7	-1,2
	M	798,7	796,8	795,2	793,5	783,6	-	-1,9	-1,2
Dos 35 aos 44 anos	HM	1 597,1	1 599,0	1 601,4	1 603,8	1 600,9	-	0,2	-0,2
	H	794,0	795,2	796,7	798,1	797,1	-	0,4	-0,1
	M	803,1	803,8	804,7	805,7	803,8	-	0,1	-0,2
Dos 45 aos 64 anos	HM	2 728,0	2 737,7	2 748,2	2 758,7	2 756,8	-	1,1	-0,1
	H	1 311,4	1 316,3	1 321,5	1 326,6	1 326,2	-	1,1	o
	M	1 416,6	1 421,5	1 426,8	1 432,0	1 430,6	-	1,0	-0,1
Com 65 e mais anos	HM	1 872,5	1 877,7	1 883,5	1 889,2	1 898,4	-	1,4	0,5
	H	781,9	784,1	786,6	789,0	792,7	-	1,4	0,5
	M	1 090,6	1 093,6	1 096,9	1 100,2	1 105,7	-	1,4	0,5
Dos 15 aos 64 anos	HM	7 140,1	7 140,8	7 143,5	7 145,9	7 116,2	-	-0,3	-0,4
	H	3 533,6	3 534,4	3 536,1	3 537,6	3 522,7	-	-0,3	-0,4
	M	3 606,5	3 606,4	3 607,4	3 608,3	3 593,4	-	-0,4	-0,4
Nível de escolaridade completo (15 e mais anos)									
Até ao básico - 3º ciclo	HM	6 732,4	6 717,8	6 678,2	6 633,1	6 604,2	0,7	-1,9	-0,4
	H	3 283,1	3 271,8	3 252,5	3 240,1	3 228,2	0,8	-1,7	-0,4
	M	3 449,3	3 446,0	3 425,7	3 393,0	3 376,1	0,8	-2,1	-0,5
Secundário e pós-secundário	HM	1 282,8	1 296,0	1 348,0	1 372,2	1 361,1	1,9	6,1	-0,8
	H	630,2	637,5	672,4	672,3	662,5	2,5	5,1	-1,5
	M	652,5	658,5	675,6	699,9	698,6	2,4	7,1	-0,2
Superior	HM	997,5	1 004,8	1 000,8	1 029,9	1 049,2	3,4	5,2	1,9
	H	402,2	409,3	397,9	414,2	424,7	4,2	5,6	2,5
	M	595,2	595,5	603,0	615,7	624,5	3,4	4,9	1,4

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego - 1º trimestre de 2010.

2. População activa por grupo etário, sexo e nível de escolaridade completo									
Portugal	Sexo	Valor trimestral					C.V.	Variação	
		1ºT-2009	2ºT-2009	3ºT-2009	4ºT-2009	1ºT-2010	1ºT-2010	Homóloga	Trimestral
Milhares de indivíduos						%			
População activa	HM	5 594,8	5 583,9	5 565,3	5 586,8	5 600,8	0,4	0,1	0,3
	H	2 958,9	2 960,1	2 933,6	2 942,8	2 945,4	0,5	-0,5	0,1
	M	2 635,9	2 623,8	2 631,6	2 644,1	2 655,5	0,6	0,7	0,4
Dos 15 aos 24 anos	HM	485,4	465,2	463,2	451,3	444,1	2,2	-8,5	-1,6
	H	256,4	249,3	244,7	241,0	234,7	2,9	-8,5	-2,6
	M	229,0	215,9	218,5	210,3	209,4	3,1	-8,6	-0,4
Dos 25 aos 34 anos	HM	1 453,1	1 446,9	1 434,6	1 443,6	1 437,0	0,6	-1,1	-0,5
	H	751,8	756,6	746,6	746,3	743,8	0,7	-1,1	-0,3
	M	701,2	690,3	687,9	697,4	693,2	1,0	-1,1	-0,6
Dos 35 aos 44 anos	HM	1 431,5	1 438,6	1 430,6	1 439,6	1 447,9	0,6	1,1	0,6
	H	745,5	746,0	738,5	744,5	747,4	0,7	0,3	0,4
	M	686,1	692,7	692,1	695,1	700,5	0,9	2,1	0,8
Dos 45 aos 64 anos	HM	1 909,6	1 918,2	1 915,2	1 925,2	1 945,0	0,7	1,9	1,0
	H	1 032,4	1 035,9	1 029,0	1 033,9	1 037,3	0,8	0,5	0,3
	M	877,2	882,4	886,2	891,3	907,7	1,1	3,5	1,8
Com 65 e mais anos	HM	315,2	315,0	321,7	327,1	326,8	3,3	3,7	-0,1
	H	172,8	172,4	174,8	177,1	182,2	3,5	5,4	2,9
	M	142,4	142,6	146,9	150,0	144,6	4,6	1,5	-3,6
Dos 15 aos 64 anos	HM	5 279,7	5 268,9	5 243,6	5 259,7	5 274,0	0,4	-0,1	0,3
	H	2 786,2	2 787,7	2 758,8	2 765,7	2 763,2	0,5	-0,8	-0,1
	M	2 493,5	2 481,2	2 484,8	2 494,0	2 510,8	0,6	0,7	0,7
Nível de escolaridade completo									
Até ao básico - 3º ciclo	HM	3 839,7	3 795,4	3 766,7	3 752,7	3 743,9	1,1	-2,5	-0,2
	H	2 157,5	2 136,9	2 106,8	2 112,7	2 110,8	1,2	-2,2	-0,1
	M	1 682,1	1 658,5	1 659,9	1 640,0	1 633,1	1,5	-2,9	-0,4
Secundário e pós-secundário	HM	899,3	927,8	958,3	972,2	972,8	2,4	8,2	0,1
	H	453,4	469,2	491,7	484,8	481,3	3,1	6,2	-0,7
	M	446,0	458,5	466,6	487,4	491,5	3,1	10,2	0,8
Superior	HM	855,8	860,7	840,3	861,9	884,2	3,5	3,3	2,6
	H	348,0	353,9	335,2	345,3	353,3	4,5	1,5	2,3
	M	507,8	506,8	505,1	516,7	530,9	3,5	4,5	2,7

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego - 1º trimestre de 2010.

3. Taxa de actividade por grupo etário, sexo e nível de escolaridade completo									
Portugal	Sexo	Valor trimestral					C.V.	Variação	
		1ºT-2009	2ºT-2009	3ºT-2009	4ºT-2009	1ºT-2010	1ºT-2010	Homóloga	Trimestral
		%					p.p.		
Taxa de actividade	HM	52,6	52,5	52,3	52,5	52,7	0,4	0,1	0,2
	H	57,5	57,5	57,0	57,1	57,3	0,5	-0,2	0,2
	M	48,1	47,8	47,9	48,1	48,4	0,6	0,3	0,3
Taxa de actividade (15 e mais anos)	HM	62,1	61,9	61,7	61,8	62,1	0,4	-	0,3
	H	68,6	68,5	67,9	68,0	68,3	0,5	-0,3	0,3
	M	56,1	55,8	55,9	56,2	56,5	0,6	0,4	0,3
Dos 15 aos 24 anos	HM	40,4	39,0	39,0	38,3	37,8	2,2	-2,6	-0,5
	H	41,8	40,9	40,4	40,0	39,3	2,9	-2,5	-0,7
	M	38,9	36,9	37,6	36,4	36,4	3,4	-2,5	-
Dos 25 aos 34 anos	HM	90,0	89,9	89,3	90,0	90,7	0,5	0,7	0,7
	H	92,3	93,0	91,9	92,0	92,8	0,7	0,5	0,8
	M	87,8	86,6	86,5	87,9	88,5	0,9	0,7	0,6
Dos 35 aos 44 anos	HM	89,6	90,0	89,3	89,8	90,4	0,5	0,8	0,6
	H	93,9	93,8	92,7	93,3	93,8	1,8	-0,1	0,5
	M	85,4	86,2	86,0	86,3	87,2	1,2	1,8	0,9
Dos 45 aos 64 anos	HM	70,0	70,1	69,7	69,8	70,6	0,6	0,6	0,8
	H	78,7	78,7	77,9	77,9	78,2	0,9	-0,5	0,3
	M	61,9	62,1	62,1	62,2	63,4	1,2	1,5	1,2
Com 65 e mais anos	HM	16,8	16,8	17,1	17,3	17,2	3,0	0,4	-0,1
	H	22,1	22,0	22,2	22,4	23,0	3,5	0,9	0,6
	M	13,1	13,0	13,4	13,6	13,1	4,6	-	-0,5
Dos 15 aos 64 anos	HM	73,9	73,8	73,4	73,6	74,1	0,4	0,2	0,5
	H	78,8	78,9	78,0	78,2	78,4	0,5	-0,4	0,2
	M	69,1	68,8	68,9	69,1	69,9	0,6	0,8	0,8
Nível de escolaridade completo (15 e mais anos)									
Até ao básico - 3º ciclo	HM	57,0	56,5	56,4	56,6	56,7	0,7	-0,3	0,1
	H	65,7	65,3	64,8	65,2	65,4	0,6	-0,3	0,2
	M	48,8	48,1	48,5	48,3	48,4	0,8	-0,4	0,1
Secundário e pós-secundário	HM	70,1	71,6	71,1	70,9	71,5	1,3	1,4	0,6
	H	71,9	73,6	73,1	72,1	72,6	1,7	0,7	0,5
	M	68,3	69,6	69,1	69,6	70,3	1,8	2,0	0,7
Superior	HM	85,8	85,7	84,0	83,7	84,3	1,7	-1,5	0,6
	H	86,5	86,5	84,2	83,4	83,2	1,5	-3,3	-0,2
	M	85,3	85,1	83,8	83,9	85,0	1,1	-0,3	1,1

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego - 1º trimestre de 2010.

4. População empregada por grupo etário, sexo e nível de escolaridade completo									
Portugal	Sexo	Valor trimestral					C.V.	Variação	
		1ºT-2009	2ºT-2009	3ºT-2009	4ºT-2009	1ºT-2010	1ºT-2010	Homóloga	Trimestral
		Milhares de indivíduos					%		
População empregada	HM	5 099,1	5 076,2	5 017,5	5 023,5	5 008,7	0,6	-1,8	-0,3
	H	2 718,6	2 702,9	2 666,0	2 662,8	2 656,1	0,7	-2,3	-0,3
	M	2 380,5	2 373,3	2 351,5	2 360,7	2 352,6	0,8	-1,2	-0,3
Dos 15 aos 24 anos	HM	387,7	378,2	374,4	351,0	343,4	2,7	-11,4	-2,2
	H	208,7	202,1	204,8	190,6	182,6	3,6	-12,5	-4,2
	M	179,1	176,1	169,5	160,4	160,8	4,0	-10,2	0,2
Dos 25 aos 34 anos	HM	1 302,3	1 290,4	1 266,7	1 286,7	1 269,4	1,0	-2,5	-1,3
	H	687,7	684,8	671,2	675,6	670,9	1,2	-2,4	-0,7
	M	614,6	605,6	595,6	611,1	598,5	1,6	-2,6	-2,1
Dos 35 aos 44 anos	HM	1 323,2	1 323,5	1 304,2	1 302,7	1 303,2	0,9	-1,5	0
	H	692,8	689,7	675,6	680,1	684,5	1,1	-1,2	0,6
	M	630,4	633,8	628,6	622,6	618,7	1,3	-1,9	-0,6
Dos 45 aos 64 anos	HM	1 771,7	1 770,2	1 751,7	1 757,4	1 767,5	0,9	-0,2	0,6
	H	957,4	954,4	940,4	939,9	936,5	1,0	-2,2	-0,4
	M	814,3	815,8	811,3	817,6	830,9	1,3	2,0	1,6
Com 65 e mais anos	HM	314,2	313,9	320,6	325,7	325,2	3,2	3,5	-0,2
	H	172,0	171,8	174,0	176,7	181,5	3,5	5,5	2,7
	M	142,2	142,1	146,6	149,0	143,7	4,6	1,1	-3,6
Dos 15 aos 64 anos	HM	4 784,9	4 762,3	4 696,9	4 697,9	4 683,5	0,5	-2,1	-0,3
	H	2 546,5	2 531,0	2 492,0	2 486,2	2 474,6	0,7	-2,8	-0,5
	M	2 238,3	2 231,2	2 204,9	2 211,7	2 208,9	0,8	-1,3	-0,1
Nível de escolaridade completo									
Até ao básico - 3º ciclo	HM	3 476,4	3 428,5	3 377,0	3 340,3	3 312,8	1,2	-4,7	-0,8
	H	1 966,2	1 942,7	1 904,4	1 895,2	1 887,6	1,3	-4,0	-0,4
	M	1 510,2	1 485,8	1 472,6	1 445,1	1 425,2	1,6	-5,6	-1,4
Secundário e pós-secundário	HM	817,1	837,4	864,6	876,3	866,3	2,5	6,0	-1,1
	H	421,4	428,1	451,7	446,3	436,0	3,3	3,5	-2,3
	M	395,7	409,3	412,9	430,0	430,3	3,3	8,7	0,1
Superior	HM	805,5	810,3	775,9	806,9	829,6	3,6	3,0	2,8
	H	330,9	332,0	309,9	321,3	332,4	4,6	0,5	3,5
	M	474,6	478,3	466,0	485,6	497,2	3,6	4,8	2,4

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego - 1º trimestre de 2010.

5. Taxa de emprego por grupo etário, sexo e nível de escolaridade completo									
Portugal	Sexo	Valor trimestral					C.V.	Variação	
		1ºT-2009	2ºT-2009	3ºT-2009	4ºT-2009	1ºT-2010	1ºT-2010	Homóloga	Trimestral
		%					p.p.		
Taxa de emprego	HM	56,6	56,3	55,6	55,6	55,6	0,6	-1,0	-
(15 e mais anos)	H	63,0	62,6	61,7	61,5	61,5	0,7	-1,5	-
	M	50,7	50,5	50,0	50,1	50,1	0,8	-0,6	-
Dos 15 aos 24 anos	HM	32,3	31,7	31,6	29,8	29,3	2,7	-3,0	-0,5
	H	34,0	33,2	33,8	31,7	30,5	4,2	-3,5	-1,2
	M	30,4	30,1	29,2	27,8	27,9	5,1	-2,5	0,1
Dos 25 aos 34 anos	HM	80,7	80,1	78,8	80,2	80,1	0,7	-0,6	-0,1
	H	84,4	84,2	82,6	83,3	83,7	1,1	-0,7	0,4
	M	76,9	76,0	74,9	77,0	76,4	1,4	-0,5	-0,6
Dos 35 aos 44 anos	HM	82,9	82,8	81,4	81,2	81,4	0,6	-1,5	0,2
	H	87,3	86,7	84,8	85,2	85,9	2,1	-1,4	0,7
	M	78,5	78,8	78,1	77,3	77,0	1,5	-1,5	-0,3
Dos 45 aos 64 anos	HM	64,9	64,7	63,7	63,7	64,1	0,8	-0,8	0,4
	H	73,0	72,5	71,2	70,8	70,6	1,1	-2,4	-0,2
	M	57,5	57,4	56,9	57,1	58,1	1,3	0,6	1,0
Com 65 e mais anos	HM	16,8	16,7	17,0	17,2	17,1	3,1	0,3	-0,1
	H	22,0	21,9	22,1	22,4	22,9	3,5	0,9	0,5
	M	13,0	13,0	13,4	13,5	13,0	4,6	-	-0,5
Dos 15 aos 64 anos	HM	67,0	66,7	65,8	65,7	65,8	0,5	-1,2	0,1
	H	72,1	71,6	70,5	70,3	70,2	0,7	-1,9	-0,1
	M	62,1	61,9	61,1	61,3	61,5	0,8	-0,6	0,2
Nível de escolaridade completo									
Até ao básico - 3º ciclo	HM	51,6	51,0	50,6	50,4	50,2	0,8	-1,4	-0,2
	H	59,9	59,4	58,6	58,5	58,5	0,8	-1,4	-
	M	43,8	43,1	43,0	42,6	42,2	0,9	-1,6	-0,4
Secundário e pós-secundário	HM	63,7	64,6	64,1	63,9	63,6	1,7	-0,1	-0,3
	H	66,9	67,2	67,2	66,4	65,8	2,1	-1,1	-0,6
	M	60,6	62,2	61,1	61,4	61,6	2,3	1,0	0,2
Superior	HM	80,8	80,6	77,5	78,3	79,1	2,0	-1,7	0,8
	H	82,3	81,1	77,9	77,6	78,3	1,8	-4,0	0,7
	M	79,7	80,3	77,3	78,9	79,6	1,3	-0,1	0,7

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego - 1º trimestre de 2010.

6. População empregada por sector de actividade principal (CAE-Rev. 3) e sexo									
Portugal	Sexo	Valor trimestral					C.V.	Variação	
		1ºT-2009	2ºT-2009	3ºT-2009	4ºT-2009	1ºT-2010		1ºT-2010	Homóloga
Milhares de indivíduos						%			
População empregada	HM	5 099,1	5 076,2	5 017,5	5 023,5	5 008,7	0,6	-1,8	-0,3
	H	2 718,6	2 702,9	2 666,0	2 662,8	2 656,1	0,7	-2,3	-0,3
	M	2 380,5	2 373,3	2 351,5	2 360,7	2 352,6	0,8	-1,2	-0,3
A: Agricultura, produção animal, caça, floresta e pesca	HM	558,9	551,3	567,2	581,7	560,0	3,9	0,2	-3,7
	H	284,9	280,5	297,8	311,5	300,7	4,3	5,5	-3,5
	M	274,0	270,7	269,4	270,1	259,3	4,9	-5,4	-4,0
B a F: Indústria, construção, energia e água	HM	1 455,0	1 444,6	1 413,6	1 389,5	1 371,3	2,0	-5,8	-1,3
	H	1 070,4	1 052,9	1 028,8	1 008,3	989,3	2,1	-7,6	-1,9
	M	384,7	391,7	384,8	381,2	382,0	3,7	-0,7	0,2
C: Indústrias transformadoras	HM	867,3	863,6	844,3	831,4	825,4	3,0	-4,8	-0,7
F: Construção	HM	514,6	513,5	503,1	491,1	478,6	3,6	-7,0	-2,5
G a U: Serviços	HM	3 085,1	3 080,3	3 036,7	3 052,1	3 077,5	1,1	-0,2	0,8
	H	1 363,3	1 369,4	1 339,4	1 342,8	1 366,1	1,6	0,2	1,7
	M	1 721,9	1 710,9	1 697,3	1 709,3	1 711,4	1,2	-0,6	0,1
G: Comércio por grosso e a retalho	HM	779,6	771,9	746,4	753,5	754,6	2,7	-3,2	0,1
H: Transportes e armazenagem	HM	173,5	183,7	177,7	176,5	180,0	6,0	3,7	2,0
I: Alojamento, restauração e similares	HM	307,8	297,3	291,6	283,6	296,4	4,3	-3,7	4,5
J: Actividades de informação e de comunicação	HM	93,6	90,6	90,2	94,2	105,1	8,4	12,3	11,6
K: Actividades financeiras e de seguros	HM	90,8	94,1	85,7	82,2	83,2	8,1	-8,4	1,2
L: Actividades imobiliárias	HM	31,2	34,8	32,5	37,6	31,9	13,1	2,2	-15,2
M: Actividades de consultoria, científicas, técnicas e similares	HM	184,8	172,6	159,2	153,0	151,8	6,3	-17,9	-0,8
N: Actividades administrativas e dos serviços de apoio	HM	134,4	134,1	136,5	145,6	144,0	6,2	7,1	-1,1
O: Administração Pública, Defesa e Segurança Social Obrigatória	HM	334,5	327,3	345,4	331,8	331,3	4,1	-1,0	-0,2
P: Educação	HM	355,3	360,9	351,9	362,4	376,8	4,1	6,1	4,0
Q: Actividades da saúde humana e apoio social	HM	300,0	314,9	328,7	344,6	344,3	4,1	14,8	-0,1
R: Actividades artísticas, de espectáculos, desportivas e recreativas	HM	48,3	48,2	46,6	42,3	38,6	10,8	-20,1	-8,7
S a U: Outros serviços	HM	251,3	250,0	244,4	244,7	239,5	4,4	-4,7	-2,1

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego - 1º trimestre de 2010.

7. População empregada por profissão principal (CNP-94), situação na profissão e sexo									
Portugal	Sexo	Valor trimestral					C.V.	Variação	
		1ºT-2009	2ºT-2009	3ºT-2009	4ºT-2009	1ºT-2010	1ºT-2010	Homóloga	Trimestral
		Milhares de indivíduos					%		
População empregada	HM	5 099,1	5 076,2	5 017,5	5 023,5	5 008,7	0,6	-1,8	-0,3
	H	2 718,6	2 702,9	2 666,0	2 662,8	2 656,1	0,7	-2,3	-0,3
	M	2 380,5	2 373,3	2 351,5	2 360,7	2 352,6	0,8	-1,2	-0,3
Profissão (CNP-94)									
1: Quadros superiores da Administração Pública, dirig. e quadros superiores de empresa	HM	361,4	351,0	319,2	301,9	288,7	4,7	-20,1	-4,4
	H	252,4	241,5	217,4	203,4	195,6	5,4	-22,5	-3,8
	M	109,0	109,5	101,8	98,5	93,1	7,3	-14,6	-5,5
2: Especialistas das profissões intelectuais e científicas	HM	470,1	488,6	465,4	483,4	489,7	4,3	4,2	1,3
	H	203,5	215,6	198,5	205,5	204,4	5,7	0,4	-0,5
	M	266,6	273,0	266,9	277,9	285,3	4,8	7,0	2,7
3: Técnicos e profissionais de nível intermédio	HM	489,9	488,0	460,2	472,9	475,2	3,6	-3,0	0,5
	H	259,5	264,7	245,0	252,7	256,2	4,5	-1,3	1,4
	M	230,4	223,3	215,2	220,2	219,0	4,8	-4,9	-0,5
4: Pessoal administrativo e similares	HM	484,9	481,6	478,2	466,0	450,4	3,4	-7,1	-3,3
	H	181,5	172,9	168,6	158,2	159,1	5,5	-12,3	0,6
	M	303,4	308,7	309,6	307,8	291,3	4,0	-4,0	-5,4
5: Pessoal dos serviços e vendedores	HM	784,8	790,8	809,7	808,8	819,2	2,5	4,4	1,3
	H	239,5	243,3	270,1	265,8	265,5	4,0	10,9	-0,1
	M	545,3	547,5	539,6	543,0	553,7	2,9	1,5	2,0
6: Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura e pescas	HM	549,5	538,9	555,5	565,5	543,4	3,9	-1,1	-3,9
	H	282,5	278,9	295,0	305,1	295,0	4,1	4,4	-3,3
	M	267,0	260,0	260,5	260,4	248,4	5,1	-7,0	-4,6
7: Operários, artífices e trabalhadores similares	HM	939,6	918,9	902,0	899,9	893,4	2,5	-4,9	-0,7
	H	762,2	752,2	733,9	738,6	730,6	2,6	-4,1	-1,1
	M	177,4	166,6	168,1	161,3	162,8	5,4	-8,2	0,9
8: Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem	HM	388,8	400,3	408,0	405,1	417,4	4,0	7,4	3,0
	H	322,9	321,7	321,1	316,5	324,5	4,3	0,5	2,5
	M	65,9	78,6	87,0	88,6	92,8	8,5	40,8	4,7
9: Trabalhadores não qualificados	HM	601,2	588,7	590,6	589,9	603,0	2,8	0,3	2,2
	H	188,0	186,3	191,2	190,9	201,4	4,8	7,1	5,5
	M	413,2	402,4	399,4	399,0	401,6	3,2	-2,8	0,7
0: Forças Armadas	HM	29,0	29,3	28,7	30,2	28,4	12,5	-2,1	-6,0
Situação na profissão									
Trabalhadores por conta de outrem	HM	3 884,5	3 873,6	3 837,8	3 827,1	3 839,8	0,8	-1,2	0,3
	H	2 019,0	2 006,5	1 976,4	1 962,7	1 971,9	1,0	-2,3	0,5
	M	1 865,6	1 867,1	1 861,3	1 864,4	1 868,0	1,0	0,1	0,2
Trabalhadores por conta própria como isolados	HM	887,7	889,5	867,0	877,6	857,5	2,6	-3,4	-2,3
	H	475,9	480,5	471,3	479,3	471,3	2,9	-1,0	-1,7
	M	411,9	409,0	395,7	398,4	386,2	3,7	-6,2	-3,1
Trabalhadores por conta própria como empregadores	HM	281,6	272,6	267,7	270,9	262,9	4,8	-6,6	-3,0
	H	207,1	200,2	198,8	201,8	194,0	5,2	-6,3	-3,9
	M	74,5	72,4	68,9	69,1	68,9	7,8	-7,5	-0,3
Trabalhadores familiares não remunerados e outra situação	HM	45,3	40,5	45,0	48,0	48,5	10,1	7,1	1,0
	H	16,7	15,7	19,5	19,1	18,9	15,5	13,2	-1,0
	M	28,6	24,8	25,5	28,8	29,6	12,8	3,5	2,8

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego - 1º trimestre de 2010.

8. População empregada total e por conta de outrem por regime de duração do trabalho e sexo, população empregada por conta de outrem por tipo de contrato de trabalho e sexo e subemprego visível por sexo

Portugal	Sexo	Valor trimestral					C.V.	Variação		
		1ºT-2009	2ºT-2009	3ºT-2009	4ºT-2009	1ºT-2010	1ºT-2010	Homóloga	Trimestral	
		Milhares de indivíduos					%			
População empregada	HM	5 099,1	5 076,2	5 017,5	5 023,5	5 008,7	0,6	-1,8	-0,3	
	H	2 718,6	2 702,9	2 666,0	2 662,8	2 656,1	0,7	-2,3	-0,3	
	M	2 380,5	2 373,3	2 351,5	2 360,7	2 352,6	0,8	-1,2	-0,3	
	A tempo completo	HM	4 501,8	4 483,8	4 453,3	4 424,2	4 413,4	0,6	-2,0	-0,2
		H	2 516,8	2 508,0	2 473,1	2 448,0	2 430,6	0,8	-3,4	-0,7
		M	1 985,0	1 975,8	1 980,2	1 976,3	1 982,8	1,0	-0,1	0,3
	A tempo parcial	HM	597,3	592,4	564,3	599,3	595,3	3,1	-0,3	-0,7
		H	201,8	194,8	193,0	214,9	225,4	4,2	11,7	4,9
		M	395,5	397,5	371,3	384,4	369,9	3,5	-6,5	-3,8
Trabalhadores por conta de outrem	HM	3 884,5	3 873,6	3 837,8	3 827,1	3 839,8	0,8	-1,2	0,3	
	H	2 019,0	2 006,5	1 976,4	1 962,7	1 971,9	1,0	-2,3	0,5	
	M	1 865,6	1 867,1	1 861,3	1 864,4	1 868,0	1,0	0,1	0,2	
	A tempo completo	HM	3 645,2	3 636,4	3 624,7	3 608,5	3 624,7	0,8	-0,6	0,4
		H	1 966,9	1 958,2	1 933,8	1 913,2	1 918,5	1,1	-2,5	0,3
		M	1 678,4	1 678,2	1 691,0	1 695,4	1 706,1	1,1	1,7	0,6
	A tempo parcial	HM	239,3	237,2	213,0	218,5	215,2	4,6	-10,1	-1,5
		H	52,1	48,3	42,7	49,5	53,3	9,2	2,3	7,7
		M	187,2	188,9	170,4	169,0	161,9	5,2	-13,5	-4,2
Tipo de contrato de trabalho	Sem termo	HM	3 047,5	3 030,5	2 991,8	2 957,5	2 946,4	1,1	-3,3	-0,4
		H	1 608,7	1 594,2	1 558,8	1 537,7	1 524,4	1,4	-5,2	-0,9
		M	1 438,8	1 436,3	1 432,9	1 419,8	1 422,0	1,4	-1,2	0,2
	Com termo	HM	686,8	687,3	688,8	714,5	737,0	2,7	7,3	3,1
		H	329,9	336,2	336,6	343,3	363,8	3,6	10,3	6,0
		M	356,9	351,2	352,1	371,2	373,2	3,5	4,6	0,5
	Outros	HM	150,2	155,7	157,2	155,1	156,4	5,6	4,1	0,8
		H	80,4	76,1	81,0	81,7	83,7	7,7	4,1	2,4
		M	69,8	79,6	76,3	73,4	72,7	7,6	4,2	-1,0
Subemprego visível	HM	61,3	63,3	66,5	67,2	66,0	9,8	7,7	-1,8	
	H	24,8	24,0	26,9	26,8	23,0	14,9	-7,3	-14,2	
	M	36,5	39,3	39,7	40,4	43,0	11,6	17,8	6,4	

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego - 1º trimestre de 2010.

9. População desempregada por grupo etário, sexo e nível de escolaridade completo									
Portugal	Sexo	Valor trimestral					C.V.	Variação	
		1ºT-2009	2ºT-2009	3ºT-2009	4ºT-2009	1ºT-2010	1ºT-2010	Homóloga	Trimestral
		Milhares de indivíduos					%		
População desempregada	HM	495,8	507,7	547,7	563,3	592,2	3,0	19,4	5,1
	H	240,4	257,2	267,6	279,9	289,3	4,0	20,3	3,4
	M	255,4	250,5	280,1	283,4	302,8	3,9	18,6	6,8
Dos 15 aos 24 anos	HM	97,7	86,9	88,8	100,3	100,7	6,2	3,1	0,4
	H	47,7	47,1	39,9	50,4	52,1	8,2	9,2	3,4
	M	50,0	39,8	49,0	49,9	48,6	8,5	-2,8	-2,6
Dos 25 aos 34 anos	HM	150,8	156,5	167,8	156,9	167,6	5,9	11,1	6,8
	H	64,2	71,8	75,5	70,6	72,9	8,6	13,6	3,3
	M	86,6	84,7	92,4	86,3	94,7	8,0	9,4	9,7
Dos 35 aos 44 anos	HM	108,4	115,1	126,4	136,8	144,7	6,0	33,5	5,8
	H	52,6	56,3	62,9	64,4	62,9	9,0	19,6	-2,3
	M	55,7	58,9	63,6	72,4	81,8	7,4	46,9	13,0
Com 45 e mais anos	HM	138,9	149,1	164,6	169,2	179,1	4,8	28,9	5,9
	H	75,8	82,0	89,4	94,4	101,4	6,0	33,8	7,4
	M	63,1	67,1	75,2	74,8	77,7	6,7	23,1	3,9
Dos 15 aos 64 anos	HM	494,8	506,6	546,6	561,8	590,6	3,0	19,4	5,1
	H	239,6	256,6	266,8	279,5	288,6	4,0	20,5	3,3
	M	255,2	250,0	279,8	282,3	302,0	3,9	18,3	7,0
Nível de escolaridade completo									
Até ao básico - 3º ciclo	HM	363,3	366,9	389,7	412,4	431,1	3,7	18,7	4,5
	H	191,3	194,2	202,4	217,5	223,2	4,7	16,7	2,6
	M	172,0	172,7	187,3	194,9	207,9	4,9	20,9	6,7
Secundário e pós-secundário	HM	82,2	90,4	93,7	95,9	106,5	7,3	29,6	11,1
	H	31,9	41,1	40,0	38,5	45,3	10,3	42,0	17,7
	M	50,3	49,3	53,7	57,4	61,2	9,5	21,7	6,6
Superior	HM	50,3	50,4	64,3	55,0	54,6	10,1	8,5	-0,7
	H	17,1	21,9	25,2	24,0	20,8	17,9	21,6	-13,3
	M	33,2	28,6	39,1	31,0	33,7	11,9	1,5	8,7

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego - 1º trimestre de 2010.

10. Taxa de desemprego por grupo etário, sexo e nível de escolaridade completo									
Portugal	Sexo	Valor trimestral					C.V.	Variação	
		1ºT-2009	2ºT-2009	3ºT-2009	4ºT-2009	1ºT-2010		1ºT-2010	Homóloga
		%					p.p.		
Taxa de desemprego	HM	8,9	9,1	9,8	10,1	10,6	2,9	1,7	0,5
	H	8,1	8,7	9,1	9,5	9,8	4,0	1,7	0,3
	M	9,7	9,5	10,6	10,7	11,4	3,9	1,7	0,7
Dos 15 aos 24 anos	HM	20,1	18,7	19,2	22,2	22,7	5,7	2,6	0,5
	H	18,6	18,9	16,3	20,9	22,2	10,2	3,6	1,3
	M	21,8	18,4	22,4	23,7	23,2	9,0	1,4	-0,5
Dos 25 aos 34 anos	HM	10,4	10,8	11,7	10,9	11,7	5,5	1,3	0,8
	H	8,5	9,5	10,1	9,5	9,8	9,3	1,3	0,3
	M	12,4	12,3	13,4	12,4	13,7	7,6	1,3	1,3
Dos 35 aos 44 anos	HM	7,6	8,0	8,8	9,5	10,0	5,7	2,4	0,5
	H	7,1	7,5	8,5	8,7	8,4	12,4	1,3	-0,3
	M	8,1	8,5	9,2	10,4	11,7	7,0	3,6	1,3
Com 45 e mais anos	HM	6,2	6,7	7,4	7,5	7,9	4,2	1,7	0,4
	H	6,3	6,8	7,4	7,8	8,3	6,7	2,0	0,5
	M	6,2	6,5	7,3	7,2	7,4	7,9	1,2	0,2
Dos 15 aos 64 anos	HM	9,4	9,6	10,4	10,7	11,2	2,9	1,8	0,5
	H	8,6	9,2	9,7	10,1	10,4	4,0	1,8	0,3
	M	10,2	10,1	11,3	11,3	12,0	3,9	1,8	0,7
Nível de escolaridade completo									
Até ao básico - 3º ciclo	HM	9,5	9,7	10,3	11,0	11,5	3,4	2,0	0,5
	H	8,9	9,1	9,6	10,3	10,6	4,3	1,7	0,3
	M	10,2	10,4	11,3	11,9	12,7	3,5	2,5	0,8
Secundário e pós-secundário	HM	9,1	9,7	9,8	9,9	10,9	7,4	1,8	1,0
	H	7,0	8,8	8,1	7,9	9,4	9,7	2,4	1,5
	M	11,3	10,7	11,5	11,8	12,4	17,3	1,1	0,6
Superior	HM	5,9	5,9	7,7	6,4	6,2	3,9	0,3	-0,2
	H	4,9	6,2	7,5	6,9	5,9	17,0	1,0	-1,0
	M	6,5	5,6	7,7	6,0	6,4	11,6	-0,1	0,4

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego - 1º trimestre de 2010.

11. População desempregada por duração da procura de emprego									
Portugal	Sexo	Valor trimestral					C.V.	Variação	
		1ºT-2009	2ºT-2009	3ºT-2009	4ºT-2009	1ºT-2010		1ºT-2010	Homóloga
		Milhares de indivíduos					%		
População desempregada	HM	495,8	507,7	547,7	563,3	592,2	3,0	19,4	5,1
	H	240,4	257,2	267,6	279,9	289,3	4,0	20,3	3,4
	M	255,4	250,5	280,1	283,4	302,8	3,9	18,6	6,8
Duração da procura (a):									
Menos de 1 mês	HM	27,9	26,9	42,1	23,4	31,3	13,6	12,2	33,8
	H	15,3	15,1	16,9	11,7	13,9	18,3	-9,2	18,8
	M	12,6	11,8	25,2	11,7	17,3	18,3	37,3	47,9
1 a 6 meses	HM	192,6	168,1	139,4	171,5	176,3	5,2	-8,5	2,8
	H	101,2	89,0	76,7	85,9	88,5	7,3	-12,5	3,0
	M	91,4	79,1	62,7	85,5	87,8	7,5	-3,9	2,7
7 a 11 meses	HM	58,0	77,0	109,3	86,5	76,9	8,2	32,6	-11,1
	H	26,0	42,4	57,3	52,1	37,0	11,1	42,3	-29,0
	M	32,0	34,7	51,9	34,3	39,9	12,0	24,7	16,3
12 a 24 meses	HM	92,7	96,7	109,4	124,0	144,5	5,7	55,9	16,5
	H	41,1	46,6	51,4	58,6	73,3	8,1	78,3	25,1
	M	51,6	50,1	57,9	65,4	71,2	8,2	38,0	8,9
25 e mais meses	HM	122,3	138,5	144,0	155,5	160,7	6,1	31,4	3,3
	H	56,0	63,9	64,2	69,7	75,0	8,9	33,9	7,6
	M	66,3	74,6	79,8	85,7	85,7	7,5	29,3	-

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego - 1º trimestre de 2010.

Nota:

(a) A variável "duração da procura de emprego" não inclui os indivíduos desempregados que já não procuram emprego, por já terem encontrado e o qual vão iniciar nos próximos 3 meses. Por essa razão, a soma do número de desempregados por duração da procura de emprego pode ser menor do que o total de desempregados.

12. Taxas de desemprego por duração da procura de emprego									
Portugal	Sexo	Valor trimestral					C.V.	Variação	
		1ºT-2009	2ºT-2009	3ºT-2009	4ºT-2009	1ºT-2010	1ºT-2010	Homóloga	Trimestral
		%					p.p.		
Taxa de desemprego total	HM	8,9	9,1	9,8	10,1	10,6	2,9	1,7	0,5
	H	8,1	8,7	9,1	9,5	9,8	4,0	1,7	0,3
	M	9,7	9,5	10,6	10,7	11,4	3,9	1,7	0,7
Por duração da procura:									
Menos de 1 mês	HM	0,5	0,5	0,8	0,4	0,6	13,6	0,1	0,1
	H	0,5	0,5	0,6	0,4	0,5	18,8	o	0,1
	M	0,5	0,4	1,0	0,4	0,7	20,1	0,2	0,2
1 a 6 meses	HM	3,4	3,0	2,5	3,1	3,1	4,7	-0,3	0,1
	H	3,4	3,0	2,6	2,9	3,0	7,2	-0,4	0,1
	M	3,5	3,0	2,4	3,2	3,3	7,4	-0,2	0,1
7 a 11 meses	HM	1,0	1,4	2,0	1,5	1,4	7,7	0,3	-0,2
	H	0,9	1,4	2,0	1,8	1,3	12,7	0,4	-0,5
	M	1,2	1,3	2,0	1,3	1,5	11,9	0,3	0,2
12 a 24 meses	HM	1,7	1,7	2,0	2,2	2,6	5,7	0,9	0,4
	H	1,4	1,6	1,8	2,0	2,5	8,2	1,1	0,5
	M	2,0	1,9	2,2	2,5	2,7	9,3	0,7	0,2
25 e mais meses	HM	2,2	2,5	2,6	2,8	2,9	5,7	0,7	0,1
	H	1,9	2,2	2,2	2,4	2,5	8,9	0,7	0,2
	M	2,5	2,8	3,0	3,2	3,2	7,5	0,7	o
Longa duração (12 e mais meses)	HM	3,8	4,2	4,6	5,0	5,4	4,3	1,6	0,4
	H	3,3	3,7	3,9	4,4	5,0	6,0	1,8	0,7
	M	4,5	4,8	5,2	5,7	5,9	5,4	1,4	0,2

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego - 1º trimestre de 2010.

13. População desempregada à procura de primeiro emprego e de novo emprego por sector da última actividade (CAE-Rev. 3)									
Portugal	Valor trimestral					C.V.	Variação		
	1ºT-2009	2ºT-2009	3ºT-2009	4ºT-2009	1ºT-2010	1ºT-2010	Homóloga	Trimestral	
	Milhares de indivíduos					%			
População desempregada	495,8	507,7	547,7	563,3	592,2	3,0	19,4	5,1	
À procura de 1º emprego	59,3	49,8	52,6	59,6	55,5	10,3	-6,4	-6,9	
À procura de novo emprego	436,5	457,9	495,1	503,7	536,7	3,1	23,0	6,6	
Agricultura, produção animal, caça, floresta e pesca	10,3	13,6	12,7	12,2	16,5	15,8	60,2	35,2	
Indústria, construção, energia e água	192,4	207,5	220,0	231,5	241,7	4,8	25,6	4,4	
Serviços	233,7	236,8	262,4	260,1	278,5	4,4	19,2	7,1	

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego - 1º trimestre de 2010.

14. População inactiva									
Portugal	Sexo	Valor trimestral					C.V.	Variação	
		1ºT-2009	2ºT-2009	3ºT-2009	4ºT-2009	1ºT-2010	1ºT-2010	Homóloga	Trimestral
Milhares de indivíduos						%			
População inactiva	HM	5 035,9	5 050,5	5 075,7	5 060,5	5 029,9	0,5	-0,1	-0,6
	H	2 186,6	2 187,2	2 216,9	2 210,7	2 199,2	0,7	0,6	-0,5
	M	2 849,3	2 863,2	2 858,9	2 849,8	2 830,7	0,6	-0,7	-0,7
Menos de 15 anos	HM	1 618,1	1 615,8	1 614,0	1 612,2	1 616,1	-	-0,1	0,2
	H	830,0	828,8	827,8	826,8	829,2	-	-0,1	0,3
	M	788,1	787,0	786,2	785,3	786,9	-	-0,2	0,2
Dos 15 aos 24 anos	HM	716,0	728,6	723,3	727,8	729,3	1,3	1,9	0,2
	H	356,9	360,2	361,0	361,0	363,2	1,8	1,8	0,6
	M	359,1	368,5	362,2	366,8	366,1	1,8	1,9	-0,2
Dos 25 aos 34 anos	HM	160,6	163,4	172,8	160,7	148,0	6,2	-7,8	-7,9
	H	63,1	56,9	65,6	64,6	57,6	9,5	-8,7	-10,8
	M	97,5	106,5	107,2	96,1	90,3	7,9	-7,4	-6,0
Dos 35 aos 44 anos	HM	165,5	160,4	170,8	164,3	153,0	5,4	-7,6	-6,9
	H	48,5	49,3	58,2	53,6	49,7	10,3	2,5	-7,3
	M	117,0	111,1	112,6	110,6	103,3	6,0	-11,7	-6,6
Dos 45 aos 64 anos	HM	818,3	819,5	833,0	833,5	811,9	1,7	-0,8	-2,6
	H	279,0	280,4	292,5	292,7	288,9	2,9	3,5	-1,3
	M	539,4	539,1	540,6	540,7	522,9	1,9	-3,1	-3,3
Com 65 e mais anos	HM	1 557,4	1 562,7	1 561,8	1 562,1	1 571,6	0,7	0,9	0,6
	H	609,2	611,7	611,8	611,9	610,5	1,1	0,2	-0,2
	M	948,2	951,0	950,0	950,2	961,1	0,7	1,4	1,1
Dos 15 aos 64 anos	HM	1 860,4	1 871,9	1 899,9	1 886,2	1 842,1	1,2	-1,0	-2,3
	H	747,5	746,7	777,3	771,9	759,6	1,8	1,6	-1,6
	M	1 113,0	1 125,2	1 122,6	1 114,3	1 082,6	1,4	-2,7	-2,8
População inactiva (15 e mais anos)	HM	3 417,8	3 434,6	3 461,7	3 448,3	3 413,7	0,7	-0,1	-1,0
	H	1 356,6	1 358,4	1 389,0	1 383,8	1 370,0	1,1	1,0	-1,0
	M	2 061,2	2 076,2	2 072,7	2 064,5	2 043,7	0,8	-0,8	-1,0
Estudantes	HM	770,7	784,1	777,7	784,1	774,2	1,6	0,5	-1,3
	H	380,5	378,3	383,1	391,0	385,9	2,2	1,4	-1,3
	M	390,2	405,8	394,6	393,1	388,3	2,1	-0,5	-1,2
Domésticos	HM	527,1	506,9	502,8	500,9	503,5	2,7	-4,5	0,5
	H	2,0	3,4	3,4	2,6	2,5	32,8	25,0	-3,8
	M	525,1	503,5	499,4	498,3	501,0	2,7	-4,6	0,5
Reformados	HM	1 803,6	1 837,8	1 844,4	1 836,5	1 827,7	1,0	1,3	-0,5
	H	823,1	828,9	833,0	830,5	827,9	1,3	0,6	-0,3
	M	980,5	1 008,9	1 011,5	1 006,0	999,8	1,3	2,0	-0,6
Outros inactivos	HM	316,4	305,8	336,7	326,8	308,4	4,0	-2,5	-5,6
	H	151,1	147,9	169,5	159,7	153,8	5,6	1,8	-3,7
	M	165,3	158,0	167,3	167,1	154,7	5,2	-6,4	-7,4
Inactivos disponíveis	HM	67,2	64,2	82,7	73,5	71,1	8,4	5,8	-3,3
	H	32,3	23,3	38,2	31,2	24,5	13,6	-24,1	-21,5
	M	34,9	40,9	44,5	42,3	46,6	9,9	33,5	10,2
Inactivos desencorajados	HM	26,0	26,3	33,8	33,0	36,2	11,6	39,2	9,7
	H	9,0	8,2	14,8	12,4	13,5	18,8	50,0	8,9
	M	17,0	18,1	19,0	20,5	22,7	13,4	33,5	10,7
						%	p.p.		
Taxa de inactividade (15 e mais anos)	HM	37,9	38,1	38,3	38,2	37,9	0,7	-	-0,3
	H	31,4	31,5	32,1	32,0	31,7	1,1	0,3	-0,3
	M	43,9	44,2	44,1	43,8	43,5	0,8	-0,4	-0,3

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego - 1º trimestre de 2010.

15. População total, activa, empregada, desempregada e inactiva por região NUTS II (NUTS-2002)								
Região NUTS II	Valor trimestral					C.V.	Variação	
	1ºT-2009	2ºT-2009	3ºT-2009	4ºT-2009	1ºT-2010	1ºT-2010	Homóloga	Trimestral
	Milhares de indivíduos					%		
Portugal								
População total (15 e mais anos)	9 012,6	9 018,5	9 027,0	9 035,1	9 014,6	-	0	-0,2
População activa	5 594,8	5 583,9	5 565,3	5 586,8	5 600,8	0,4	0,1	0,3
População empregada	5 099,1	5 076,2	5 017,5	5 023,5	5 008,7	0,6	-1,8	-0,3
População desempregada	495,8	507,7	547,7	563,3	592,2	3,0	19,4	5,1
População inactiva (15 e mais anos)	3 417,8	3 434,6	3 461,7	3 448,3	3 413,7	0,7	-0,1	-1,0
Norte								
População total (15 e mais anos)	3 165,1	3 168,3	3 172,2	3 176,0	3 165,7	-	0	-0,3
População activa	1 978,7	1 962,0	1 959,3	1 982,9	1 985,6	0,7	0,3	0,1
População empregada	1 779,3	1 755,5	1 732,6	1 747,4	1 738,3	0,9	-2,3	-0,5
População desempregada	199,4	206,5	226,7	235,5	247,4	4,4	24,1	5,1
População inactiva (15 e mais anos)	1 186,4	1 206,3	1 212,9	1 193,1	1 180,1	1,1	-0,5	-1,1
Centro								
População total (15 e mais anos)	2 052,1	2 052,7	2 054,0	2 055,0	2 051,0	-	-0,1	-0,2
População activa	1 351,3	1 343,1	1 349,6	1 347,1	1 355,3	1,1	0,3	0,6
População empregada	1 261,1	1 257,9	1 252,1	1 249,2	1 248,1	1,3	-1,0	-0,1
População desempregada	90,2	85,2	97,4	97,9	107,2	8,0	18,8	9,5
População inactiva (15 e mais anos)	700,9	709,6	704,4	707,9	695,7	2,2	-0,7	-1,7
Lisboa								
População total (15 e mais anos)	2 372,3	2 374,2	2 376,6	2 378,9	2 373,6	-	0,1	-0,2
População activa	1 429,6	1 434,1	1 416,5	1 419,2	1 419,2	0,9	-0,7	-
População empregada	1 300,2	1 299,2	1 271,0	1 272,1	1 270,5	1,2	-2,3	-0,1
População desempregada	129,5	134,9	145,5	147,1	148,6	6,5	14,7	1,0
População inactiva (15 e mais anos)	942,7	940,1	960,1	959,7	954,4	1,4	1,2	-0,6
Alentejo								
População total (15 e mais anos)	656,3	655,6	655,1	654,7	652,1	-	-0,6	-0,4
População activa	365,8	373,0	365,6	366,1	371,8	1,1	1,6	1,6
População empregada	328,6	330,7	328,2	327,9	330,5	1,5	0,6	0,8
População desempregada	37,2	42,3	37,4	38,1	41,3	7,9	11,0	8,4
População inactiva (15 e mais anos)	290,4	282,6	289,5	288,7	280,3	1,5	-3,5	-2,9
Algarve								
População total (15 e mais anos)	364,0	364,6	365,2	365,9	367,9	-	1,1	0,5
População activa	220,9	223,1	224,4	224,0	223,7	1,1	1,3	-0,1
População empregada	198,2	203,0	201,4	197,5	193,2	1,6	-2,5	-2,2
População desempregada	22,7	20,1	23,0	26,5	30,5	7,8	34,4	15,1
População inactiva (15 e mais anos)	143,1	141,5	140,8	141,9	144,2	1,7	0,8	1,6
Região Autónoma dos Açores								
População total (15 e mais anos)	199,1	199,4	199,7	200,1	200,3	-	0,6	0,1
População activa	119,8	121,1	120,0	120,2	118,9	1,3	-0,8	-1,1
População empregada	111,8	112,6	112,6	111,7	109,7	1,3	-1,9	-1,8
População desempregada	8,0	8,5	7,5	8,5	9,1	10,3	13,8	7,1
População inactiva (15 e mais anos)	79,3	78,2	79,7	79,9	81,4	1,8	2,6	1,9
Região Autónoma da Madeira								
População total (15 e mais anos)	203,7	203,9	204,2	204,5	204,2	-	0,2	-0,1
População activa	128,7	127,6	129,9	127,3	126,4	1,9	-1,8	-0,7
População empregada	119,9	117,3	119,6	117,7	118,5	2,1	-1,2	0,7
População desempregada	8,7	10,3	10,3	9,6	7,9	13,1	-9,2	-17,7
População inactiva (15 e mais anos)	75,0	76,3	74,3	77,1	77,8	3,1	3,7	0,9

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego - 1º trimestre de 2010.

16. Taxa de actividade, emprego, desemprego e inactividade por região NUTS II (NUTS-2002)								
Regiões NUTS II	Valor trimestral					C.V.	Variação	
	1ºT-2009	2ºT-2009	3ºT-2009	4ºT-2009	1ºT-2010	1ºT-2010	Homóloga	Trimestral
	%						p.p.	
Portugal								
Taxa de actividade (15 e mais anos)	62,1	61,9	61,7	61,8	62,1	0,4	-	0,3
Taxa de emprego (15 e mais anos)	56,6	56,3	55,6	55,6	55,6	0,6	-1,0	-
Taxa de desemprego	8,9	9,1	9,8	10,1	10,6	2,9	1,7	0,5
Taxa de inactiv. (15 e mais anos)	37,9	38,1	38,3	38,2	37,9	0,7	-	-0,3
Norte								
Taxa de actividade (15 e mais anos)	62,5	61,9	61,8	62,4	62,7	0,7	0,2	0,3
Taxa de emprego (15 e mais anos)	56,2	55,4	54,6	55,0	54,9	0,9	-1,3	-0,1
Taxa de desemprego	10,1	10,5	11,6	11,9	12,5	4,4	2,4	0,6
Taxa de inactiv. (15 e mais anos)	37,5	38,1	38,2	37,6	37,3	1,1	-0,2	-0,3
Centro								
Taxa de actividade (15 e mais anos)	65,8	65,4	65,7	65,6	66,1	1,1	0,3	0,5
Taxa de emprego (15 e mais anos)	61,5	61,3	61,0	60,8	60,9	1,3	-0,6	0,1
Taxa de desemprego	6,7	6,3	7,2	7,3	7,9	8,8	1,2	0,6
Taxa de inactiv. (15 e mais anos)	34,2	34,6	34,3	34,4	33,9	2,2	-0,3	-0,5
Lisboa								
Taxa de actividade (15 e mais anos)	60,3	60,4	59,6	59,7	59,8	0,9	-0,5	0,1
Taxa de emprego (15 e mais anos)	54,8	54,7	53,5	53,5	53,5	1,2	-1,3	-
Taxa de desemprego	9,1	9,4	10,3	10,4	10,5	6,4	1,4	0,1
Taxa de inactiv. (15 e mais anos)	39,7	39,6	40,4	40,3	40,2	1,4	0,5	-0,1
Alentejo								
Taxa de actividade (15 e mais anos)	55,7	56,9	55,8	55,9	57,0	1,1	1,3	1,1
Taxa de emprego (15 e mais anos)	50,1	50,4	50,1	50,1	50,7	1,5	0,6	0,6
Taxa de desemprego	10,2	11,3	10,2	10,4	11,1	8,5	0,9	0,7
Taxa de inactiv. (15 e mais anos)	44,3	43,1	44,2	44,1	43,0	1,5	-1,3	-1,1
Algarve								
Taxa de actividade (15 e mais anos)	60,7	61,2	61,4	61,2	60,8	1,1	0,1	-0,4
Taxa de emprego (15 e mais anos)	54,4	55,7	55,1	54,0	52,5	1,6	-1,9	-1,5
Taxa de desemprego	10,3	9,0	10,3	11,8	13,6	7,7	3,3	1,8
Taxa de inactiv. (15 e mais anos)	39,3	38,8	38,6	38,8	39,2	1,7	-0,1	0,4
Região Autónoma dos Açores								
Taxa de actividade (15 e mais anos)	60,2	60,8	60,1	60,1	59,4	1,3	-0,8	-0,7
Taxa de emprego (15 e mais anos)	56,2	56,5	56,4	55,8	54,8	1,3	-1,4	-1,0
Taxa de desemprego	6,7	7,0	6,2	7,1	7,7	9,9	1,0	0,6
Taxa de inactiv. (15 e mais anos)	39,8	39,2	39,9	39,9	40,6	1,8	0,8	0,7
Região Autónoma da Madeira								
Taxa de actividade (15 e mais anos)	63,2	62,6	63,6	62,3	61,9	1,9	-1,3	-0,4
Taxa de emprego (15 e mais anos)	58,9	57,5	58,6	57,6	58,0	2,1	-0,9	0,4
Taxa de desemprego	6,8	8,1	7,9	7,5	6,3	13,0	-0,5	-1,2
Taxa de inactiv. (15 e mais anos)	36,8	37,4	36,4	37,7	38,1	3,1	1,3	0,4

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego - 1º trimestre de 2010.

3. NOTAS METODOLÓGICAS

Objectivos

O Inquérito ao Emprego tem por principal objectivo a caracterização da população face ao trabalho. Pretende obter um conjunto de informação que permita, a partir dessa caracterização, analisar o mercado de trabalho enquanto realidade dinâmica e constitua um ponto de partida para a definição de políticas socio-económicas.

O Inquérito ao Emprego tem por objectivos, designadamente:

- fornecer uma medida directa e comparável internacionalmente das alterações infra-anuais do emprego e do desemprego;
- avaliar, ao longo do ano, determinados fenómenos do mercado de trabalho, tais como o emprego, o desemprego e as horas trabalhadas, entre outros;
- fornecer dados estruturais anuais relacionados com o nível de emprego e desemprego.

Periodicidade

O Inquérito ao Emprego é um inquérito realizado trimestralmente que fornece resultados trimestrais e anuais.

Período de referência

As características observadas no inquérito referem-se fundamentalmente à situação no decorrer de uma semana pré-definida (de Segunda a Domingo), denominada semana de referência. As semanas de referência são repartidas uniformemente pelo trimestre e ano. As entrevistas realizam-se normalmente na semana imediatamente seguinte à semana de referência.

População

O Inquérito ao Emprego é dirigido a residentes em alojamentos familiares no espaço nacional.

Consideram-se residentes no alojamento, os indivíduos que, na semana de referência, vivam nesse alojamento, considerando ser essa a sua residência principal, e ainda os indivíduos que estejam ausentes do alojamento por “períodos curtos de tempo”², não ocupando outro alojamento de forma permanente.

² Não é definido “período curto de tempo” dada a diversidade de situações possíveis; o critério adoptado é o da não ocupação, por parte do indivíduo, de uma outra residência de forma permanente, contribuindo para o orçamento do agregado inquirido e/ou faça despesas a cargo do mesmo e esteja numa das seguintes situações: internado em estabelecimento prisional,

O inquérito é alargado às pessoas a viver em alojamentos colectivos que se consideram ter alguma contribuição, real ou potencial, para o mercado de trabalho, como é o caso dos militares de carreira em quartéis, estudantes em escolas com internato ou em lares. A informação relativa a estas pessoas é recolhida nos alojamentos privados aos quais possam ser associadas, isto é, que aí tenham residência.

São excluídos do âmbito deste inquérito todos os indivíduos a residir noutros alojamentos colectivos (hotéis, pensões e similares, instituições de assistência - asilos, orfanatos e lares de 3ª idade - e instituições religiosas) e indivíduos a viver em alojamentos móveis.

Base de amostragem

A amostra do Inquérito ao Emprego é seleccionada a partir de uma base de amostragem (constituída por um ficheiro de alojamentos familiares) denominada “Amostra-Mãe”, que foi construída a partir dos dados do Recenseamento da População e Habitação de 2001 (Censos 2001).

Unidades de observação

São observados dois tipos de unidade: agregado doméstico privado e indivíduo.

A informação é recolhida para todos os indivíduos pertencentes ao mesmo agregado.

Desenho da amostra

Trata-se de uma amostra do tipo painel com um esquema de rotação no qual os alojamentos permanecem na amostra durante seis trimestres consecutivos. A amostra total está dividida em seis subamostras (rotações) e em cada trimestre cada subamostra é substituída por outra depois de ter sido observada seis vezes.

Para a determinação da dimensão da amostra utilizaram-se os seguintes critérios:

- para cada região NUTS II e para a variável desemprego, desde que a sua representatividade amostral face à população em idade activa seja de pelo menos 5%, o desvio-padrão relativo da média anual não poderá exceder 8% dessa estimativa;

de saúde, de reabilitação, etc., a estudar ou a trabalhar noutra localidade com estadas frequentes no agregado, em viagem.

- para qualquer sub-população amostral cujo efectivo seja pelo menos 5% da população em idade activa³, o desvio-padrão relativo da estimativa da variação entre dois trimestres sucessivos, a nível nacional, não deverá exceder 3% dessa sub-população.

Recolha dos dados

O Inquérito ao Emprego é um inquérito por recolha directa. A informação é obtida através de entrevista directa ao indivíduo em questão ou a outro membro do agregado se o próprio não estiver presente e algum dos membros do agregado presentes for considerado apto a responder por ele.

A recolha da informação é feita através de entrevista assistida por computador (sistema CAPI - *Computer Assisted Personal Interviewing*).

Resultados

A protecção do segredo estatístico é assegurada através da supressão da identificação pessoal dos registos individuais, na fase de processamento da informação.

A extrapolação dos resultados é feita a partir de sistemas de ponderadores regionais, determinados a partir de estimativas independentes da população. Estes ponderadores são função das seguintes variáveis: região NUTS II por sexo e grupos etários quinquenais e ainda região NUTS III (ou agregações) por sexo ou grandes grupos etários.

É possível o apuramento de qualquer uma das variáveis observadas, de acordo com as especificações pretendidas e respeitando a qualidade da informação, atendendo aos erros de amostragem que lhe estejam associados.

O INE pode ainda disponibilizar outro tipo de informação ou outro tipo de desagregação das variáveis, mediante pedido específico, desde que os erros de amostragem estejam dentro de valores aceitáveis e desde que a informação se enquadre no quadro conceptual e metodológico do inquérito.

Erros de amostragem

O objectivo de um inquérito por amostragem é o de generalizar a informação obtida numa amostra (fracção reduzida da população) ao universo em análise, através de métodos que assegurem resultados para a população muito próximos da realidade.

Às estimativas obtidas associa-se uma margem de erro relativamente aos verdadeiros valores que se obteriam numa inquirição a toda a população, apresentada sob a forma de coeficiente de variação.

³ Considera-se "em idade activa" os indivíduos que tiverem idade igual ou superior a 15 anos.

A partir da estimativa e do respectivo coeficiente de variação podem-se construir intervalos de confiança, os quais contêm o verdadeiro valor do parâmetro ou característica com uma certa probabilidade (geralmente 67%, 95% ou 99%), devendo para isso utilizar-se as seguintes expressões:

- Intervalo de confiança de 67% =
estimativa $\pm 1 \times$ coeficiente de variação \times estimativa
- Intervalo de confiança de 95% =
estimativa $\pm 1,96 \times$ coeficiente de variação \times estimativa
- Intervalo de confiança de 99% =
estimativa $\pm 2,58 \times$ coeficiente de variação \times estimativa

Por exemplo, para determinar os intervalos de confiança para a variável população activa tendo em atenção o valor estimado de 5 605,6 milhares e o coeficiente de variação associado de 0,5%, deverá proceder-se da seguinte forma:

Intervalo de Confiança a 67%

Limite inferior =

$$\text{estimativa} - 1 \times \text{coeficiente de variação} \times \text{estimativa} = 5\,605,6 - 1 \times 0,005 \times 5\,605,6 = 5\,579,8.$$

Limite superior =

$$\text{estimativa} + 1 \times \text{coeficiente de variação} \times \text{estimativa} = 5\,605,6 + 1 \times 0,005 \times 5\,605,6 = 5\,631,4.$$

Intervalo de Confiança a 95%

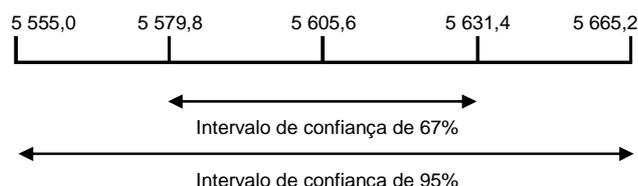
Limite inferior =

$$\text{estimativa} - 1,96 \times \text{coeficiente de variação} \times \text{estimativa} = 5\,605,6 - 1,96 \times 0,005 \times 5\,605,6 = 5\,555,0.$$

Limite superior =

$$\text{estimativa} + 1,96 \times \text{coeficiente de variação} \times \text{estimativa} = 5\,605,6 + 1,96 \times 0,005 \times 5\,605,6 = 5\,665,2.$$

No seguinte diagrama podemos observar os dois intervalos de confiança calculados anteriormente. O diagrama ilustra a forma como o intervalo aumenta de acordo com a probabilidade deste conter o verdadeiro valor da população.



No Quadro C apresentam-se os valores dos coeficientes de variação, para as principais variáveis, e os intervalos de confiança respectivos.

Quadro C: Precisão de alguns resultados 1º trimestre de 2010				
Variáveis	Estimativa (milhares)	C.V. (%)	Intervalo de confiança de 95%	
			Limite inferior	Limite superior
População activa	5 600,8	0,4	5 556,9	5 644,7
População empregada	5 008,7	0,6	4 949,8	5 067,6
Agricultura, produção animal, caça, floresta e pesca (a)	560,0	3,9	517,2	602,8
Indústria, construção, energia e água (a)	1 371,3	2,0	1 317,5	1 425,1
Serviços (a)	3 077,5	1,1	3 011,1	3 143,9
População desempregada	592,2	3,0	557,4	627,0
Procura 1º emprego	55,5	10,3	44,3	66,7
Procura novo emprego	536,7	3,1	504,1	569,3
População inactiva	5 029,9	0,5	4 980,6	5 079,2

Nota: (a) As estimativas apresentadas têm como referência a CAE-Rev. 3.

Classificações

NUTS - Nomenclatura das Unidades Territoriais para fins Estatísticos, Versão de 2002, estabelecida pelo decreto-lei nº. 244/2002 e pelo regulamento comunitário nº 1059/2003 (NUTS-2002).

- Nível II: Norte, Centro, Lisboa, Alentejo, Algarve, Região Autónoma dos Açores e Região Autónoma da Madeira.

CAE-Rev. 3 – Classificação Portuguesa das Actividades Económicas, Revisão 3.

CNP-94 – Classificação Nacional das Profissões, Versão 1994.

4. CONCEITOS

Desempregado: indivíduo com idade mínima de 15 anos que, no período de referência, se encontrava simultaneamente nas situações seguintes:

- não tinha trabalho remunerado nem qualquer outro;
- estava disponível para trabalhar num trabalho remunerado ou não;
- tinha procurado um trabalho, isto é, tinha feito diligências ao longo de um período especificado (período de referência ou nas três semanas anteriores) para encontrar um emprego remunerado ou não.

Consideram-se como **diligências**:

- contacto com um centro de emprego público ou agências privadas de colocações;
- contacto com empregadores;
- contactos pessoais ou com associações sindicais;
- colocação, resposta ou análise de anúncios;
- procura de terrenos, imóveis ou equipamentos;
- realização de provas ou entrevistas para selecção;
- solicitação de licenças ou recursos financeiros para a criação de empresa própria.

O critério de **disponibilidade** para aceitar um emprego é fundamentado no seguinte:

- no desejo de trabalhar;
- na vontade de ter actualmente um emprego remunerado ou uma actividade por conta própria caso consiga obter os recursos necessários;
- na possibilidade de começar a trabalhar no período de referência ou pelo menos nas duas semanas seguintes.

Inclui o indivíduo que, embora tendo um emprego, só vai começar a trabalhar numa data posterior à do período de referência (nos próximos três meses).

Desempregado à procura de novo emprego: indivíduo desempregado que já teve um emprego.

Desempregado à procura de primeiro emprego: indivíduo desempregado que nunca teve emprego.

Desempregado de longa duração: indivíduo desempregado à procura de emprego há 12 ou mais meses.

Empregado: indivíduo com idade mínima de 15 anos que, no período de referência, se encontrava numa das seguintes situações:

- tinha efectuado um trabalho de pelo menos uma hora, mediante o pagamento de uma remuneração ou com vista a um benefício ou ganho familiar em dinheiro ou em géneros;
- tinha um emprego, não estava ao serviço, mas tinha uma ligação formal com o seu emprego;
- tinha uma empresa mas não estava temporariamente ao trabalho por uma razão específica;
- estava em situação de pré-reforma mas encontrava-se a trabalhar no período de referência.

Inactivo desencorajado: indivíduo com idade mínima de 15 anos que, no período de referência, se encontrava simultaneamente nas situações seguintes:

- não tinha trabalho remunerado nem qualquer outro;
- pretendia trabalhar;
- estava ou não disponível para trabalhar, num trabalho remunerado ou não;
- não fez diligências ao longo de um período especificado (período de referência ou nas três semanas anteriores) para encontrar trabalho, com os seguintes motivos para o desencorajamento: considerou não ter idade apropriada, considerou não ter instrução suficiente, não soube como procurar, achou que não valia a pena procurar ou achou que não havia empregos disponíveis.

Inactivo disponível: indivíduo com idade mínima de 15 anos que, no período de referência, se encontrava simultaneamente nas situações seguintes:

- não tinha trabalho remunerado nem qualquer outro;
- pretendia trabalhar;
- estava disponível para trabalhar, num trabalho remunerado ou não;
- não fez diligências ao longo de um período especificado (período de referência ou nas três semanas anteriores) para encontrar trabalho.

Nível de escolaridade completo: refere-se ao nível ou grau de ensino mais elevado que o indivíduo concluiu, em termos de níveis e graus do sistema formal de ensino, isto

é, do ensino básico, secundário e superior, e obteve o respectivo certificado ou diploma.

População activa: conjunto de indivíduos com idade mínima de 15 anos que, no período de referência, constituíam a mão-de-obra disponível para a produção de bens e serviços que entram no circuito económico (empregados e desempregados).

População inactiva: conjunto de indivíduos qualquer que seja a sua idade que, no período de referência, não podiam ser considerados economicamente activos, isto é, não estavam empregados, nem desempregados, nem a cumprir o Serviço Militar Obrigatório.

Situação na profissão: relação de dependência ou independência de um indivíduo activo no exercício da profissão, em função dos riscos económicos em que incorre e da natureza do controlo que exerce na empresa.

Subemprego visível: conjunto de indivíduos com idade mínima de 15 anos que, no período de referência, tinham um trabalho com duração habitual de trabalho inferior à duração normal do posto de trabalho e que declararam pretender trabalhar mais horas.

Taxa de actividade: taxa que permite definir o peso da população activa sobre o total da população.

$$T.A. (\%) = (\text{População activa} / \text{População total}) \times 100$$

Taxa de actividade (15 e mais anos): taxa que permite definir a relação entre a população activa e a população em idade activa (com 15 e mais anos de idade).

$$T.A. (\%) = (\text{Pop. activa} / \text{Pop. com 15 e mais anos}) \times 100$$

Taxa de desemprego: taxa que permite definir o peso da população desempregada sobre o total da população activa.

$$T.D. (\%) = (\text{População desempregada} / \text{População activa}) \times 100$$

Taxa de desemprego de longa duração: taxa que permite definir o peso da população desempregada há 12 ou mais meses sobre o total da população activa.

$$T.D. (\%) = (\text{População desempregada há 12 ou mais meses} / \text{População activa}) \times 100$$

Taxa de emprego (15 e mais anos): taxa que permite definir a relação entre a população empregada e a população em idade activa (com 15 e mais anos de idade).

$$T.E. (\%) = (\text{Pop. empregada} / \text{Pop. com 15 e mais anos}) \times 100$$

Taxa de inactividade (15 e mais anos): taxa que permite definir a relação entre a população inactiva em idade activa (com 15 e mais anos de idade) e a população total em idade activa.

$$T.I. (\%) = (\text{Pop. Inactiva com 15 e mais anos} / \text{Pop. com 15 e mais anos}) \times 100$$

Taxa de variação anual: a variação anual compara o nível médio da variável dos quatro trimestres do último ano com o dos quatro trimestres do ano imediatamente anterior. Por ser uma média, esta taxa de variação é menos sensível a alterações esporádicas na variável.

Taxa de variação homóloga: a variação homóloga compara o nível da variável entre o trimestre corrente e o mesmo trimestre do ano anterior. Esta taxa de variação, perante um padrão estável de sazonalidade, não é afectada por oscilações desta natureza podendo, no entanto, ser influenciada por efeitos localizados num trimestre específico.

Taxa de variação trimestral: a variação trimestral compara o nível da variável entre dois trimestres consecutivos. Embora seja um indicador que permite um acompanhamento corrente do andamento da variável, o cálculo desta taxa de variação é particularmente influenciado por efeitos de natureza sazonal e outros mais específicos localizados num (ou em ambos) dos trimestres comparados.

Trabalhador a tempo completo: trabalhador cujo período de trabalho tem uma duração igual ou superior à duração normal de trabalho em vigor na empresa/instituição, para a respectiva categoria profissional ou na respectiva profissão.

Trabalhador a tempo parcial: trabalhador cujo período de trabalho tem uma duração inferior à duração normal de trabalho em vigor na empresa/instituição, para a respectiva categoria profissional ou na respectiva profissão.

Trabalhador com contrato a termo: indivíduo ligado à empresa/instituição por um contrato reduzido a escrito com fixação do seu termo e com menção concretizada de modo justificativo: 1) a termo certo: quando no contrato escrito conste expressamente a estipulação do prazo de duração do contrato e a indicação do seu termo; 2) a termo incerto: quando o contrato de trabalho dure por todo o tempo necessário à substituição do trabalhador ausente ou à conclusão da actividade, tarefa ou obra cuja execução justifica a sua celebração.

Trabalhador com contrato permanente: indivíduo ligado à empresa/instituição por um contrato de trabalho sem termo ou de duração indeterminada.

Trabalhador familiar não remunerado: indivíduo que exerce uma actividade independente numa empresa orientada para o mercado e explorada por um familiar, não sendo contudo seu associado nem estando vinculado por um contrato de trabalho.

Trabalhador por conta de outrem: indivíduo que exerce uma actividade sob a autoridade e direcção de outrem, nos termos de um contrato de trabalho, sujeito ou não a forma escrita, e que lhe confere o direito a uma remuneração, a qual não depende dos resultados da unidade económica para a qual trabalha.

Trabalhador por conta própria: indivíduo que exerce uma actividade independente, com associados ou não, obtendo uma remuneração que está directamente dependente dos lucros (realizados ou potenciais) provenientes de bens ou serviços produzidos. Os associados podem ser, ou não, membros do agregado familiar. Um trabalhador por conta própria pode ser classificado como trabalhador por conta própria como isolado ou como empregador.

Trabalhador por conta própria como isolado: indivíduo que exerce uma actividade independente, com associados ou não, obtendo uma remuneração que está directamente dependente dos lucros (realizados ou potenciais) provenientes de bens ou serviços produzidos e que habitualmente não contrata trabalhador(es) por conta de outrem para trabalhar(em) com ele. Os associados podem ser, ou não, membros do agregado familiar.

Trabalhador por conta própria como empregador: indivíduo que exerce uma actividade independente, com associados ou não, obtendo uma remuneração que está directamente dependente dos lucros (realizados ou potenciais) provenientes de bens ou serviços produzidos e que, a esse título, emprega habitualmente um ou vários trabalhadores por conta de outrem para trabalharem na sua empresa. Os associados podem ser, ou não, membros do agregado familiar.

Nota relativa aos gráficos 1, 5, 11 e 12: A contribuição de uma dada componente para a variação homóloga de um determinado agregado populacional (população activa, empregada, desempregada ou inactiva) no trimestre t é calculada como a variação homóloga (absoluta) dessa componente em relação ao nível inicial (do trimestre homólogo) do agregado em causa. Por exemplo, sendo A a população activa, E a população empregada e D a população desempregada, os contributos (em %) da variação homóloga da população empregada e da população desempregada para a variação homóloga da população activa são, respectivamente, dados por

$$[(E_t - E_{t-4})/A_{t-4}] * 100 \text{ e } [(D_t - D_{t-4})/A_{t-4}] * 100,$$

em que t é o trimestre. A soma dos contributos das várias componentes de um agregado iguala a taxa de variação homóloga desse agregado. No exemplo, a soma dos contributos das duas componentes, emprego e desemprego, iguala a taxa de variação homóloga da população activa.

5. OUTRA INFORMAÇÃO DISPONÍVEL

População total

1. População com 15 e mais anos segundo o nível de escolaridade completo, por grupo etário e sexo
2. População com 15 e mais anos segundo a condição perante o trabalho, por principal fonte de rendimento
3. População com 15 e mais anos segundo a auto-classificação em termos de ocupação, por condição perante o trabalho
4. População com 15 e mais anos segundo a condição perante o trabalho um ano antes, por condição perante o trabalho actual

População empregada

5. População empregada por actividade principal (CAE-Rev. 3) e sexo
6. População empregada segundo o sector de actividade principal (CAE-Rev. 3), por situação na profissão principal e sexo
7. População empregada segundo o sector de actividade principal (CAE-Rev. 3), por tipo de duração do trabalho e sexo.
8. População empregada segundo o sector de actividade principal (CAE-Rev. 3), por antiguidade no emprego actual
9. População empregada segundo o sector de actividade principal (CAE-Rev. 3), por tipo de horário de trabalho e sexo
10. População empregada segundo o sector de actividade principal (CAE-Rev. 3), por duração semanal habitual do trabalho e sexo
11. População empregada segundo o sector de actividade principal (CAE-Rev. 3), por experiência anterior de trabalho e sexo
12. População empregada segundo o sector de actividade principal (CAE-Rev. 3), por nível de escolaridade completo e sexo
13. População empregada com experiência anterior de trabalho segundo o sector da última actividade principal, por sector de actividade principal actual (CAE-Rev. 3) e sexo
14. População empregada segundo o sector de actividade principal (CAE-Rev. 3), por exercício de actividade secundária e sexo
15. População empregada com actividade secundária segundo o sector de actividade secundária, por sector de actividade principal (CAE-Rev. 3)
16. População empregada segundo o sector de actividade principal um ano antes, por sector de actividade principal actual (CAE-Rev. 3)
17. População empregada segundo a situação na profissão principal, por profissão principal (CNP-94)
18. População empregada segundo a situação na profissão principal, por nível de escolaridade completo e sexo
19. População empregada segundo a situação na profissão principal um ano antes, por situação na profissão principal actual e sexo
20. Trabalhadores por conta de outrem segundo o sector de actividade principal (CAE-Rev. 3), por tipo de contrato de trabalho e sexo
21. Trabalhadores por conta de outrem por profissão principal (CNP-94) e sexo
22. Trabalhadores por conta de outrem por actividade principal (CAE-Rev. 3) e sexo
23. Trabalhadores por conta de outrem segundo o tipo de contrato de trabalho um ano antes, por tipo de contrato de trabalho actual

População desempregada

24. População desempregada por tipo de desemprego, duração da procura de emprego e sexo
25. População desempregada por diligências feitas para encontrar trabalho
26. População desempregada à procura de novo emprego por situação na profissão anterior e sexo
27. População desempregada à procura de novo emprego por sector da actividade anterior (CAE-Rev. 3) e sexo

Regiões NUTS II

28. População total segundo a região de residência NUTS II (NUTS-2002), por grupo etário e sexo
29. População total, activa, empregada, desempregada e inactiva segundo a região de residência NUTS II (NUTS-2002), por sexo
30. População total, activa, empregada, desempregada e inactiva segundo a região de residência NUTS II (NUTS-2002), por grupo etário
31. População activa segundo a região de residência NUTS II (NUTS-2002), por nível de escolaridade completo
32. População inactiva segundo a região de residência NUTS II (NUTS-2002), por categoria de inactividade
33. População empregada segundo a região de residência NUTS II (NUTS-2002), por actividade principal (CAE-Rev. 3)
34. População empregada segundo a região de residência NUTS II (NUTS-2002), por profissão principal (CNP-94)
35. População empregada segundo a região de residência NUTS II (NUTS-2002), por situação na profissão principal
36. Trabalhadores por conta de outrem segundo a região de residência NUTS II (NUTS-2002), por sector de actividade principal (CAE-Rev. 3) e escalão de rendimento salarial mensal líquido
37. Rendimento salarial médio mensal líquido dos trabalhadores por conta de outrem segundo a região de residência NUTS II (NUTS-2002), por sector de actividade principal (CAE-Rev. 3)
38. População desempregada segundo a região de residência NUTS II (NUTS-2002), por tipo de desemprego e duração da procura de emprego
39. Taxa de actividade, taxa de emprego, taxa de desemprego e taxa de inactividade segundo a região de residência NUTS II (NUTS-2002), por sexo
40. Taxa de actividade, taxa de emprego, taxa de desemprego e taxa de inactividade segundo a região de residência NUTS II (NUTS-2002), por grupo etário

Nota: Estes quadros encontram-se exclusivamente disponíveis, em formato Excel e CSV, em:

http://www.ine.pt/portal/page/portal/PORTAL_INE/Publicacoes (seleccionando Estatísticas do Emprego – 1º trimestre de 2010).

6. TEMA EM ANÁLISE

A relação entre o nível de escolaridade e o mercado de trabalho em 2009

Francisco Lima* – Instituto Superior Técnico e CEG-IST

1. Introdução

A escolaridade é, a nível individual, não só um caminho para obter competências para o mercado de trabalho, dado ser uma forma de acumulação de capital humano, mas também é uma escolha pessoal que toma em consideração mais do que um mero objectivo profissional. Adicionalmente, a escolaridade de uma população tem uma forte correlação com o nível de desenvolvimento de um país. O objectivo deste estudo é analisar a relação da escolaridade com diversas dimensões do desempenho individual no mercado de trabalho. O estudo incide, num primeiro passo, sobre a população em idade activa e a taxa de actividade, ou seja, a participação no mercado de trabalho. Num segundo passo, foca-se no emprego, em particular nas dimensões relacionadas com a situação na profissão e com a determinação do rendimento salarial. Finalmente, incide-se sobre questão do desemprego, onde se analisa a relação da escolaridade com a taxa de desemprego e a duração da procura de trabalho.

A análise detalhada da informação estatística numa perspectiva temporal pode ser encontrada num tema em análise anterior (Torres, 2007). Os resultados aí apresentados mostravam que a detenção de um maior nível de educação proporcionava ao indivíduo uma maior taxa de emprego, uma menor taxa de desemprego e maiores salários em média.

Os níveis de escolaridade completos analisados neste estudo foram agregados nos três grupos seguintes:

- Até ao básico - 3º ciclo: nenhum nível de escolaridade, ensino básico - 1º ciclo, ensino básico - 2º ciclo e ensino básico - 3º ciclo.
- Secundário: ensino secundário e ensino pós-secundário.
- Superior: bacharelato, licenciatura, mestrado e doutoramento.

Todas as estimativas apresentadas são para o ano de 2009, pois foi intenção utilizar o ano mais recente do Inquérito ao Emprego. As estimativas têm em conta a ponderação dos valores amostrais, sendo por isso válidas para a população.

* As opiniões expressas no *Tema em Análise* são da inteira responsabilidade dos autores e não coincidem necessariamente com a posição do Instituto Nacional de Estatística.

Na próxima secção analisam-se os níveis de escolaridade para a população em idade activa e a relação com a decisão de participar no mercado de trabalho – a taxa de actividade. Na terceira secção, é estudada a relação dos níveis de escolaridade com dois aspectos do emprego: a situação na profissão – trabalhador por conta de outrem ou por conta própria (como empregador ou isolado) – e a determinação do rendimento salarial para os trabalhadores por conta de outrem. O possível impacto da escolaridade no desemprego é estudado na quarta secção. Nomeadamente, como varia a taxa de desemprego e a duração da procura de emprego com a escolaridade. A quinta secção apresenta a conclusão do estudo.

2. População total em idade activa e participação no mercado de trabalho

População em idade activa

A primeira questão a analisar é a distribuição dos indivíduos por nível de escolaridade. Em particular, daqueles indivíduos em idade activa (15 e mais anos). Este grupo populacional engloba aqueles indivíduos que estão efectivamente activos, sejam empregados ou desempregados, e aqueles que se encontram inactivos, ou seja, estudantes, reformados, domésticos e outras situações de inactividade.

O Quadro 6.1 apresenta a população em idade activa por sexo e nível de escolaridade para os anos de 2000 e 2009, de modo a aferir-se a evolução nos últimos dez anos. Como se pode observar, a proporção de indivíduos com escolaridade superior representa, em 2009, 11,2% da população total em idade activa. Em termos do número de indivíduos, aquela percentagem representa aproximadamente um milhão de pessoas com este nível de escolaridade. Em 2000, apenas 558,6 mil pessoas detinham este nível de escolaridade (6,5% da população). Ou seja, observou-se um crescimento de 80,5% no número de indivíduos com o superior durante os últimos 10 anos. Em contrapartida, o número de pessoas com o 3º ciclo do ensino básico (no máximo) decresceu 5,1%, de 7 milhões para 6,7 milhões de indivíduos, aproximadamente. No entanto, este grupo continua a ser o maioritário, representando 74,1% da população total em idade activa (82,2% em 2000). O número de pessoas com o ensino secundário cresceu de 968,4 mil para 1 324,7 mil; um crescimento de 36,8% na década.

Quadro 6.1. População em idade activa por nível de escolaridade completo e sexo (2000-2009)

Portugal	Sexo	2000	2009	Variação
		Milhares de indivíduos		2009/2000
				%
População com 15 e mais anos	HM	8 576,7	9 023,3	5,2
	H	4 091,1	4 320,8	5,6
	M	4 485,7	4 702,5	4,8
Nível de escolaridade completo (15 e mais anos)				
Até ao básico - 3º ciclo	HM	7 049,4	6 690,4	-5,1
	H	3 398,6	3 261,9	-4,0
	M	3 650,8	3 428,5	-6,1
Secundário e pós-secundário	HM	968,4	1 324,7	36,8
	H	457,2	653,1	42,8
	M	511,3	671,6	31,4
Superior	HM	558,6	1 008,2	80,5
	H	235,2	405,9	72,6
	M	323,3	602,4	86,3
Nível de escolaridade completo (15 e mais anos)				
		%	p.p.	
Até ao básico - 3º ciclo	HM	82,2	74,1	-8,0
	H	83,1	75,5	-7,6
	M	81,4	72,9	-8,5
Secundário e pós-secundário	HM	11,3	14,7	3,4
	H	11,2	15,1	3,9
	M	11,4	14,3	2,9
Superior	HM	6,5	11,2	4,7
	H	5,7	9,4	3,6
	M	7,2	12,8	5,6

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego.

Quando se separa os valores por sexo, as mulheres representam a maioria dos indivíduos com a escolaridade superior (602,4 mil contra 405,9 mil homens), o que já se verificava em 2000. Em proporção, 12,8% das mulheres em idade activa e 9,4% dos homens detinham o nível superior em 2009.

Participação no mercado de trabalho

A decisão de participar no mercado de trabalho depende de vários factores, sejam eles da esfera individual, familiar ou profissional. Genericamente, espera-se que as pessoas com um maior nível de escolaridade sejam aquelas que mais participam no mercado de trabalho. Os ganhos potenciais que advêm da detenção desse nível assim o indicam (ou o custo de oportunidade de não o utilizar no mercado de trabalho).

O Quadro 6.2 apresenta as taxas de actividade para cada nível de escolaridade e sexo para o ano de 2009. A actividade é definida por todos os indivíduos com 15 e mais anos que se encontram empregados ou desempregados. Como se pode observar, a taxa de actividade aumenta com o nível de escolaridade, sendo de 56,6%, 70,9% e 84,8%, respectivamente para o 3º ciclo, secundário e superior. As mulheres têm taxas de actividade menores do que os homens no total da população (56,0% contra 68,2%, respectivamente), fenómeno típico, seja por razões familiares ou outras. No

entanto, quando se separa as taxas de actividade por nível de escolaridade, observa-se que a diferença entre as mulheres e os homens diminui com o nível de escolaridade. Assim, para os indivíduos com a escolaridade até ao 3º ciclo, a taxa de actividade das mulheres é de 48,4% e a dos homens é de 65,3%; para os que completaram o secundário, as taxas ficam separadas apenas por 3,5 pontos percentuais (p.p.) (69,2% para as mulheres e 71,7% para os homens); no nível superior, as taxas são praticamente iguais (84,5% para as mulheres e 85,1% para os homens).

Quadro 6.2. Taxa de actividade por nível de escolaridade completo e sexo (2009)

Portugal	Sexo	%
Taxa de actividade (15 e mais anos)	HM	61,9
	H	68,2
	M	56,0
Nível de escolaridade completo (15 e mais anos)		
Até ao básico - 3º ciclo	HM	56,6
	H	65,3
	M	48,4
Secundário e pós-secundário	HM	70,9
	H	72,7
	M	69,2
Superior	HM	84,8
	H	85,1
	M	84,5

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego.

Ainda que o Quadro 6.2 pareça apontar para uma relação positiva entre o nível de escolaridade e a taxa de actividade, esta relação pode ser resultado de outros factores que afectam ambas as variáveis. Por exemplo, maiores taxas de actividade para os grupos etários intermédios, associadas a maiores níveis de escolaridade, podem dar origem a uma relação positiva entre escolaridade e actividade. Para tentar isolar a relação, estimou-se um modelo de probabilidade para a participação no mercado de trabalho, controlando para um conjunto de variáveis susceptíveis de influenciar a decisão individual.¹ Os resultados para o total dos indivíduos (em idade activa) e para os homens e mulheres apresentam-se no Quadro 6.3.²

¹ A explicação detalhada do modelo estimado, assim como os resultados completos, podem ser obtidos junto do autor. O mesmo se aplica aos restantes modelos aplicados neste texto.

² Os valores apresentados resultam da estimação de um modelo de probabilidade (*Logit*). A variável dependente é binária (0,1) indicando a participação no mercado de trabalho. As variáveis explicativas incluem os níveis de educação, idade, região de residência e dimensão da família. A estimação considerou os valores para a população (estimação com os ponderadores associados a cada valor amostral).

Quadro 6.3. Variação na probabilidade estimada de participação no mercado de trabalho segundo o sexo por nível de escolaridade completo (2009)

Portugal	HM	H	M
	p.p.		
Nível de escolaridade completo			
Secundário e pós-secundário	9,6	5,3	14,4
Superior	20,0	13,4	27,0

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego.

Nota: Os valores apresentados correspondem à variação da probabilidade de participar no mercado de trabalho (em pontos percentuais) quando o indivíduo detém um dos níveis de escolaridade referidos, face a ter apenas até ao básico - 3º ciclo. Foram estimados três modelos - para todos os indivíduos (HM), homens (H) e mulheres (M). Os coeficientes das variáveis explicativas são estatisticamente diferentes de zero para um nível de significância de 1%.

O primeiro modelo estimado inclui todos os indivíduos, independentemente do sexo. Os resultados indicam que em média, um indivíduo com o nível de escolaridade secundário e pós-secundário tem uma probabilidade de participar no mercado de trabalho que se situa 9,6 p.p. acima da mesma probabilidade de um indivíduo que apenas completou, no máximo, o 3º ciclo do ensino básico. O valor da variação da probabilidade para os que completaram o nível superior é de 20 p.p..

Quando se estima o modelo separadamente para os homens e as mulheres, verifica-se que a associação entre o nível de escolaridade e a variação na probabilidade de participar no mercado de trabalho é mais forte para as mulheres: quando detêm o nível secundário, a sua probabilidade de participar no mercado de trabalho aumenta 14,4 p.p. (5,3 p.p. para os homens); quando detêm o nível superior, a variação na probabilidade é de 27,0 p.p. (13,4 p.p. para os homens). Note-se que a maior variação de probabilidade associada ao nível de escolaridade para as mulheres clarifica o resultado apresentado no Quadro 6.2, onde a diferença nas taxas de actividade entre homens e mulheres diminuía com o nível de escolaridade. Os resultados demonstram igualmente a vantagem de aplicar este tipo de modelos econométricos na tentativa de isolar relações, considerando simultaneamente os factores que podem afectar a decisão individual. Ainda assim, o modelo aplicado é relativamente simples e apenas se utiliza o ano de 2009 na estimação.

Estes resultados sugerem o seguinte:

- As taxas de actividade são mais elevadas para os indivíduos com um maior nível de escolaridade.
- A escolaridade tem uma relação positiva com a taxa de actividade, mesmo controlando para outras variáveis que podem afectar a decisão de participar no mercado de trabalho.
- Os homens têm taxas de actividade superiores, mas a escolaridade tem um efeito maior na

probabilidade das mulheres participarem no mercado de trabalho.

3. Emprego

Situação na profissão

No Inquérito ao Emprego inquiram-se os indivíduos no que diz respeito à sua situação na profissão. Assim, os trabalhadores podem ser classificados numa das quatro situações seguintes: por conta de outrem; por conta própria como isolados; por conta própria como empregadores; familiares não remunerados e outras situações.³

O cruzamento da informação sobre as taxas de emprego por situação na profissão e o nível de escolaridade está representado no Quadro 6.4 para o ano de 2009. Não distinguindo por sexo, os trabalhadores por conta de outrem são aqueles que apresentam um maior nível de escolaridade. A distribuição dos trabalhadores por conta de outrem pelos três níveis de escolaridade considerados – até ao básico - 3º ciclo, secundário e superior – é de, respectivamente, 62,5%, 19,5% e 18,1%. Para os trabalhadores por conta própria como empregadores, as mesmas percentagens são 71,3%, 13,3% e 15,3%. Os trabalhadores por conta própria como isolados são aqueles que apresentam, em média, um menor nível de escolaridade, com 86,7%, 6,6% e 6,7%, respectivamente.

Quadro 6.4. Taxa de emprego segundo o nível de escolaridade completo por situação na profissão e sexo (2009)

Portugal	Sexo	ed1	ed2	ed3	
		%			
População empregada	HM	67,4	16,8	15,8	
	H	71,7	16,3	12,0	
	M	62,5	17,4	20,1	
Situação na profissão	Trabalhadores por conta de outrem	HM	62,5	19,5	18,1
		H	68,1	18,6	13,3
		M	56,5	20,4	23,2
	Trabalhadores por conta própria como isolados	HM	86,7	6,6	6,7
		H	85,5	8,1	6,4
		M	88,1	4,8	7,1
	Trabalhadores por conta própria como empregadores	HM	71,3	13,3	15,3
		H	73,3	12,8	13,9
		M	65,7	15,0	19,3

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego.

Nota: ed1 - Até ao básico - 3º ciclo; ed2 - Secundário e pós-secundário; ed3 - Superior.

A separação por sexo mostra algumas diferenças. As mulheres têm um maior nível de escolaridade nas três situações na profissão. É particularmente notória a

³ Esta última situação na profissão – trabalhadores familiares não remunerados e outras situações – é praticamente residual, representando menos de 1% do total da população empregada. Como tal, não será considerada na análise.

diferença de 10 p.p. entre os trabalhadores por conta de outrem com o ensino superior: 23,2% das mulheres e 13,3% dos homens detêm este nível de escolaridade.

Com o objectivo de determinar até que ponto a escolaridade tem influência na situação na profissão, estimou-se um modelo Logit multinomial para determinar o efeito da escolaridade na probabilidade do indivíduo ser um trabalhador por conta de outrem, por conta própria como isolado ou por conta própria como empregador.⁴ Optou-se por distinguir no modelo a situação de trabalhador por conta própria sem trabalhadores ao serviço, isto é, como isolado, da situação de empregador. Retirou-se da análise os indivíduos que declararam a profissão de “agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura e pescas”, dado que tipicamente são analisados em separado aquando do estudo da decisão de ser um trabalhador por conta própria (Parker, 2004).

O Quadro 6.5 apresenta os resultados da estimação do modelo Logit multinomial para a situação na profissão no ano de 2009. Como variáveis explicativas, para além da escolaridade, considerou-se a idade, a experiência profissional, a região e o sector de actividade. Como nos modelos anteriores, a estimação considera os ponderadores de cada indivíduo na amostra.

Quadro 6.5. Coeficientes do modelo Logit multinomial para a participação no mercado de trabalho (2009)

Portugal	Situação na profissão		
	TCO	Isolado	Empregador
	p.p.		
HM			
Secundário e pós-secundário	1,6***	-1,8***	0,2
Superior	0,7	-1,4***	0,7***
H			
Secundário e pós-secundário	1,0	-0,010*	0,0
Superior	-0,8	-0,3	1,1***
M			
Secundário e pós-secundário	2,1***	-2,3***	0,2
Superior	1,3***	-1,7***	0,4*

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego.

Nota: TCO – trabalhador como conta de outrem; Isolado – trabalhador por conta própria como isolado; Empregador – trabalhador por conta própria como empregador. Os valores apresentados representam a variação de probabilidade para cada uma das situações na profissão associada com uma variação do nível de escolaridade (por comparação com o nível mais baixo, até ao básico - 3º ciclo). * Coeficientes estatisticamente diferentes de zero a 10%; ** a 5%; *** a 1%.

Os resultados indicam que o nível de escolaridade, genericamente, tem uma relação positiva com a probabilidade do indivíduo ser um trabalhador por conta de outrem ou por conta própria como empregador, mas uma relação negativa com a probabilidade de ser um

trabalhador por conta própria como isolado, em linha com as estatísticas simples apresentadas no Quadro 6.4.

Quando se analisa os resultados dos modelos estimados para as mulheres e para os homens, verifica-se que a relação é menos intensa e apenas são estatisticamente diferentes de zero dois dos seis coeficientes, no caso dos homens. No caso das mulheres, não só os coeficientes são mais elevados, como são estatisticamente diferentes de zero para a maioria das relações entre a escolaridade e a situação na profissão. Se a mulher tem o secundário ou o superior, a probabilidade de ser uma trabalhadora por conta de outrem é, respectivamente, 2,1 p.p. e 1.3 p.p. superior face à situação de apenas ter o 3º ciclo. Em contraste, para os mesmos níveis de escolaridade, a probabilidade de ser uma trabalhadora por conta própria como isolada diminui em 2.3 p.p. e 1,7 p.p., se tiver o nível secundário e superior, respectivamente.

Relativamente à relação entre a situação na profissão e a escolaridade, os principais resultados a reter são os seguintes:

- i. Os trabalhadores por conta de outrem são os que detêm, em média, um maior nível de escolaridade. Os trabalhadores por conta própria como isolados são os que detêm um menor nível de escolaridade média.
- ii. A escolaridade está positivamente relacionada com a probabilidade de um indivíduo ser um trabalhador por conta de outrem, controlando para outras determinantes possíveis da situação na profissão.
- iii. Embora com menor intensidade, também se encontrou uma relação positiva da escolaridade com a probabilidade do indivíduo ser um trabalhador por conta própria como empregador.
- iv. A probabilidade de um indivíduo ser um trabalhador por conta própria com isolado está negativamente relacionada com a escolaridade.
- v. As relações acima são mais intensas no caso das mulheres.

Rendimento do trabalho

Nesta secção analisa-se em particular os trabalhadores por conta de outrem, dado que não existe informação no Inquérito ao Emprego sobre os rendimentos dos indivíduos que reportam outra situação na profissão, nomeadamente os trabalhadores por conta própria. Adicionalmente, a análise foi restringida aos trabalhadores a tempo completo e que não tinham a profissão de “agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura e pescas”.

Pretendendo ter uma ideia mais aproximada do prémio salarial associado a cada nível de escolaridade, definiu-se uma equação para o rendimento salarial líquido (valor mensal médio, em logaritmo). As variáveis a incluir na

⁴ A situação na profissão só é observada para aquelas pessoas que participam no mercado de trabalho (os activos). Assim, o modelo mais completo seria resultante de estimar em conjunto o modelo para participação no mercado de trabalho (actividade vs inactividade) e o modelo para a situação na profissão.

equação foram as seguintes: os níveis de escolaridade, admitindo que correspondem ao capital humano (geral) acumulado pelos trabalhadores; a antiguidade na empresa, medida em anos, pretendendo capturar o capital humano adquirido na empresa (em princípio, mais específico do que a escolaridade); a localização da empresa (região NUTS II); a profissão e o desempenho de funções de supervisão e coordenação; o sector de actividade da empresa e a sua dimensão (medido por uma variável binária que toma o valor um se o trabalhador está empregado numa empresa com mais do que dez empregados e zero se emprega menos). Este foi denominado o modelo completo, pois inclui as variáveis que dizem respeito às características individuais do trabalhador (escolaridade e idade), à sua posição na empresa (antiguidade, profissão e funções de supervisão e coordenação), às características da empresa (sector e dimensão) e às características do mercado de trabalho (região).⁵ Para comparação, estimou-se também um modelo base, onde só foram incluídas as características individuais dos trabalhadores: o nível de escolaridade e a idade.

Ambos os modelos foram estimados em separado para os homens e para as mulheres, uma vez que se pretendia obter os efeitos por sexo de cada uma das variáveis, em particular as que identificam cada nível de escolaridade. Tal como nos modelos anteriores, o ponto de comparação é o nível de escolaridade mais baixo, até ao 3º ciclo do ensino básico. Os coeficientes estimados indicam qual o efeito, em percentagem, na variável dependente (o rendimento, neste caso) de um indivíduo ter um nível de escolaridade em comparação com ter, no máximo, o 3º ciclo do ensino básico.

Os resultados da estimação são apresentados no Quadro 6.6. Os valores dos coeficientes estimados associados a cada um dos níveis de escolaridade devem ser interpretados como acréscimos médios nos salários, medidos em percentagem (os valores em logaritmo já foram devidamente transformados), mantendo todas as restantes variáveis inalteradas (é um efeito parcial). Assim, no modelo base, quando se considera em conjunto os homens e as mulheres, o facto de ter um nível secundário e pós-secundário está associado a um acréscimo de 27,4% no salário, relativamente a só ter até ao 3º ciclo do básico. Para os trabalhadores que completaram o ensino superior, o acréscimo no salário é de 110,4%. Estas variações nos salários mostram o valor de ter um nível de escolaridade mais elevado, como forma de aquisição de capital humano valorizado no mercado de trabalho. O acréscimo de rendimento salarial para os

indivíduos com um nível superior é maior para as mulheres (128,6%) do que para os homens (108,1%).

Quadro 6.6. Coeficientes do modelo de regressão linear múltipla para o rendimento salarial (2009)

Portugal	HM	H	M
	%		
<i>Modelo Base</i>			
Nível de escolaridade completo			
Secundário e pós-secundário	27,4	30,2	30,0
Superior	110,4	108,1	128,6
<i>Modelo Completo</i>			
Nível de escolaridade completo			
Secundário e pós-secundário	12,9	14,6	10,7
Superior	46,4	51,7	47,6

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego.

Nota: A variável dependente é o logaritmo do rendimento salarial médio mensal líquido. Os valores apresentados representam a variação em percentagem dos salários quando o indivíduo detém um dos níveis de escolaridade referidos face a ter apenas até ao básico - 3º ciclo. Foram estimados três modelos - para todos os indivíduos, homens e mulheres, com duas variantes - base e completo (ver texto). Os coeficientes das variáveis explicativas subjacentes são estatisticamente diferentes de zero para um nível de significância de 1%.

Os resultados do modelo base foram obtidos apenas com o recurso às variáveis explicativas escolaridade e idade do indivíduo. Uma vez que se estão a medir as variações no rendimento salarial, falta considerar outro lado do mercado de trabalho, ou seja, o lado da empresa e do mercado onde esta se insere. O modelo completo (2ª parte do Quadro 6.6) inclui, como variáveis explicativas adicionais, o tipo de posição e a função desempenhada na empresa, assim como o sector e dimensão da empresa (e região onde esta se localiza). Com a inclusão destas variáveis, é de esperar que os coeficientes associados ao nível de escolaridade diminuam. O facto de um indivíduo ter um nível de escolaridade mais elevado permite-lhe, com uma maior probabilidade, obter emprego e desempenhar funções dentro da empresa que estão associadas a maiores rendimentos.⁶ Em resultado, não tendo controlado para estes factores no modelo base, os coeficientes estão sobrestimados, uma vez que estão a capturar mais do que a mera detenção de um nível de escolaridade.

Os resultados obtidos com o modelo completo confirmam aquelas expectativas, com coeficientes mais baixos. Apesar da diminuição dos coeficientes, a escolaridade mantém a relação positiva com o rendimento. Assim, se um indivíduo completou o ensino secundário, o seu salário é 12,9% (14,6% para os homens e 10,7% para as mulheres) mais alto face a um indivíduo que completou, no máximo, o 3º ciclo do ensino básico. No caso do superior, a variação do salário é de 46,4% (51,7% para os homens e 47,6% para as mulheres). A relação entre estes

⁵ A literatura sobre educação e outras formas de acumulação de capital humano é já extensa. Ver os trabalhos seminais de Becker (1962, 1964), Mincer (1958, 1962, 1974) e Ben-Porath (1967). A educação também pode ser vista como uma forma do trabalhador sinalizar as suas capacidades (Spence, 1973) ou como uma forma dos empregadores obterem informação sobre essas mesmas capacidades (Arrow, 1973; Stiglitz, 1975). Ver igualmente a discussão apresentada por Weiss (1995).

⁶ Ver, por exemplo, Gibbons e Waldman (2006) e Lima e Pereira (2003) para a progressão dentro da empresa e Abowd et al. (1999) para as características das empresas.

ganhos salariais com a escolaridade é ligeiramente superior para os homens.

A síntese dos resultados relativos à relação entre o rendimento e a escolaridade é:

- i. Os níveis de escolaridade mais elevados estão associados a maiores rendimentos salariais, mesmo controlando para outros determinantes possíveis do salário.
- ii. Em média, um indivíduo com o nível secundário (ou pós-secundário) recebe um prémio salarial de 12,9%, face ao nível até ao básico - 3º ciclo.
- iii. Em média, um indivíduo com o nível superior recebe um prémio salarial de 46,4%, face ao nível básico - 3º ciclo.
- iv. A variação percentual associada à escolaridade mais elevada é ligeiramente superior para os homens.

Note-se que estes resultados foram obtidos com um modelo que pretende controlar para uma série de factores que se esperam estar relacionados com os salários. No entanto, foi aplicado unicamente ao ano de 2009 (o objectivo deste estudo) e não se está a controlar para características não observáveis dos indivíduos, como sejam as suas capacidades cognitivas. Os coeficientes estimados da escolaridade capturam em parte estas capacidades. Isolar o efeito da escolaridade exigiria um modelo mais completo que extravasa o âmbito deste estudo.⁷ Os resultados devem lidos como relações entre a escolaridade e rendimento salarial no sentido de uma correlação parcial, dado que se controla simultaneamente para outras variáveis que também estão relacionadas com os salários.

4. Desemprego

Taxa de desemprego

Qual a relação esperada entre o desemprego e os níveis de escolaridade? De acordo com os resultados anteriores, será de esperar que a escolaridade, como forma de acumulação de capital humano, permita ao indivíduo estar menos sujeito à situação de desemprego, em média. No Quadro 6.7, apresentam-se as taxas de desemprego por sexo, idade e nível de escolaridade. O objectivo é verificar se existem diferenças observáveis nas taxas de desemprego por grupo etário e sexo, quando se consideram os níveis de escolaridade.

A taxa de desemprego é tendencialmente mais baixa para os níveis de escolaridade mais altos (ver Gráfico 9 desta publicação), apesar de não ser muito expressiva a diferença entre os indivíduos com nível de escolaridade completo até ao básico - 3º ciclo e os indivíduos com o ensino secundário. De facto, em 2009, a taxa de

desemprego para os indivíduos com o secundário era superior à dos indivíduos com nível de escolaridade até ao básico - 3º ciclo (9,5% contra 10,1%). Os indivíduos com o nível de escolaridade superior tinham uma taxa de desemprego (9,6%) semelhante à dos indivíduos com a menor escolaridade, o que deverá ser explicado em parte pelo período que a economia nacional atravessa. A taxa de desemprego é tipicamente superior para as mulheres (ver Gráfico 7 desta publicação) e superior para os mais jovens (ver Gráfico 8 desta publicação). Em 2009, a taxa de desemprego foi de 10,2% para as mulheres e 8,9% para os homens. Na última coluna do Quadro 6.7, pode-se verificar que a taxa de desemprego vai diminuindo com o grupo etário considerado. Por exemplo, para o grupo dos mais jovens (15-24 anos) a taxa de desemprego é de 20,0% e para os mais idosos (45 e mais anos) é de 7,0%.

Quadro 6.7. Taxa de desemprego segundo o nível de escolaridade completo por grupo etário e sexo (2009)

Portugal	Sexo	ed1	ed2	ed3	Total
		%			
Taxa de desemprego	HM	9,5	10,1	9,6	9,5
	H	8,9	9,5	8,0	8,9
	M	10,2	10,9	11,3	10,2
Dos 15 aos 24 anos	HM	20,3	18,1	24,5	20,0
	H	18,8	17,0	26,0	18,7
	M	22,6	19,1	23,9	21,6
Dos 25 aos 34 anos	HM	13,0	9,5	8,1	10,9
	H	10,7	7,3	8,0	9,4
	M	16,2	11,8	8,2	12,6
Dos 35 aos 44 anos	HM	9,7	8,1	4,1	8,5
	H	8,5	7,6	4,8	7,9
	M	11,1	8,5	3,7	9,1
Com 45 e mais anos	HM	7,6	5,7	2,8	7,0
	H	7,8	4,0	3,6	7,1
	M	7,3	8,0	2,0	6,8

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego.

Nota: ed1 - Até ao básico - 3º ciclo; ed2 - Secundário e pós-secundário; ed3 - Superior.

O cruzamento das três variáveis – sexo, idade e escolaridade – parece indicar que o efeito positivo da escolaridade na diminuição da taxa de desemprego é mais forte para os mais idosos e para as mulheres. Para ter uma imagem mais clara, calculou-se taxas de desemprego *normalizadas* por grupo etário e sexo. Ou seja, dividiu-se cada taxa de desemprego das células do corpo do Quadro 6.7 pelo total em linha (valores da última coluna). Significa que um valor maior do que a unidade indica que o grupo respectivo (definido pelo binómio grupo etário – sexo / escolaridade) tem uma taxa de desemprego maior do que a do total do grupo etário – sexo. Por exemplo, no grupo etário dos 15 aos 24 anos, o valor da taxa de desemprego normalizada é de 1,2 para aqueles indivíduos com o nível de escolaridade superior. Ou seja, estes indivíduos têm uma maior taxa de desemprego (aproximadamente mais 20%) do que o total do respectivo grupo etário (15-24 anos). Em contrapartida, a taxa de desemprego normalizada é de 0,9 para aqueles indivíduos no mesmo grupo etário (15-24 anos), mas com

⁷ Ver, por exemplo, Card (1999, 2001).

o nível de escolaridade secundário, implicando que têm uma menor taxa de desemprego (menos 10%) do que o total do respectivo grupo etário.

Quadro 6.8. Taxa de desemprego normalizada segundo o nível de escolaridade completo por grupo etário e sexo (2009)

Portugal	Sexo	ed1	ed2	ed3
		%		
Dos 15 aos 24 anos	HM	1,0	0,9	1,2
	H	1,0	0,9	1,4
	M	1,0	0,9	1,1
Dos 25 aos 34 anos	HM	1,2	0,9	0,7
	H	1,1	0,8	0,9
	M	1,3	0,9	0,7
Dos 35 aos 44 anos	HM	1,1	1,0	0,5
	H	1,1	1,0	0,6
	M	1,2	0,9	0,4
Com 45 e mais anos	HM	1,1	0,8	0,4
	H	1,1	0,6	0,5
	M	1,1	1,2	0,3

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego.

Nota: ed1 - Até ao básico - 3º ciclo; ed2 - Secundário e pós-secundário; ed3 - Superior. Cada célula corresponde à divisão da taxa de desemprego respectiva pelo total em linha (última coluna do Quadro 6.7).

Quando se comparam os valores para ambos os sexos à medida que se avança nos grupos etários, a probabilidade de ter uma taxa de desemprego superior a média do respectivo grupo aumenta para os indivíduos com, no máximo, o 3º ciclo do ensino básico (de 1,0 para 1,1) e, mais interessante, diminui para os indivíduos com o secundário e superior, em especial para este último nível de escolaridade. Se no primeiro grupo etário, estes indivíduos tinham uma taxa de desemprego superior (1,2), esta taxa é menor do que o total do grupo para os restantes grupos etários. Para os grupos etários dos 25 aos 34 anos, dos 35 aos 44 anos e dos 45 e mais anos, a taxa normalizada é de 0,7, 0,5 e 0,4, respectivamente, o que implica uma taxa de desemprego menor em 30%, 50% e 60% do que o total de cada um dos grupos etários respectivos. Também é de destacar que esta redução é mais pronunciada para as mulheres nestes três grupos etários.

As conclusões que se podem retirar desta breve abordagem à relação entre a taxa de desemprego e a escolaridade são:

- i. Excepto para o grupo dos mais jovens, a escolaridade está associada a menores taxas de desemprego.
- ii. Apesar de as mulheres experimentarem taxas de desemprego superiores, as diferenças são atenuadas, ou mesmo revertidas, com a escolaridade e com a idade.

Duração da procura de emprego

Na linha do que foi analisado na subsecção anterior, sabendo-se que um maior nível de escolaridade está associado a uma menor taxa de desemprego, qual a relação com a duração da procura de emprego? Uma primeira aproximação a esta relação é apresentada no Quadro 6.9, onde a distribuição da duração da procura de emprego é calculada para cada nível de escolaridade. Seria de esperar que aqueles indivíduos com um maior nível de escolaridade tivessem mais facilidade em encontrar um emprego, uma vez desempregados. Como se pode observar no quadro, a proporção de indivíduos que procuram emprego há menos de um mês com o nível de escolaridade até ao básico - 3º ciclo é de 5,0%, com o secundário é de 7,2% e com o superior é de 8,3%. Quando se considera a duração de procura mais longa, 25 e mais meses, as percentagens são, respectivamente, 28,9%, 20,5% e 20,9%. Mais ainda, se considerarmos o designado habitualmente de desemprego de longa duração – aqueles que procuram emprego há 12 e mais meses – então, as proporções são 48,3%, 42,7% e 41,8%, respectivamente. Existe assim evidência, ainda que meramente descritiva, de que um maior nível de escolaridade está associado a uma menor duração da procura de emprego, ou seja, aponta para uma maior facilidade em sair do estado de desemprego.

Quadro 6.9. Distribuição da população desempregada segundo o nível de escolaridade completo por duração da procura de emprego (2009)

Portugal	ed1	ed2	ed3	Total
	%			
Duração da procura:				
Menos de 1 mês	5,0	7,2	8,3	5,7
1 a 6 meses	30,6	35,8	34,1	31,9
7 a 11 meses	16,0	14,3	15,7	15,7
12 a 24 meses	19,5	22,2	20,9	20,1
25 e mais meses	28,9	20,5	20,9	26,6
Total	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego.

Nota: ed1 - Até ao básico - 3º ciclo; ed2 - Secundário e pós-secundário; ed3 - Superior.

5. Conclusão

A escolaridade, como forma de desenvolvimento pessoal e acumulação de capital humano, é uma questão abordada em diversas áreas de estudo, como as dedicadas ao mercado de trabalho, ao empreendedorismo, ao crescimento e desenvolvimento económico ou à mudança tecnológica. Neste artigo, procurou-se analisar a relação entre o nível de escolaridade obtido por cada indivíduo e algumas medidas de desempenho no mercado de trabalho. Em particular, a participação no mercado de trabalho, por oposição à inactividade, a situação na profissão, o rendimento salarial dos trabalhadores por conta de outrem e, finalmente, o desemprego, medido pela taxa de desemprego e pela duração da procura de emprego.

Os resultados obtidos com os modelos estimados, ainda que necessariamente resumidos, para 2009, vêm demonstrar os benefícios de realizar um inquérito regular (o Inquérito ao Emprego), que extravasam a mera utilização das estatísticas oficiais do emprego e do desemprego, entre outros indicadores. O Inquérito ao Emprego é uma fonte privilegiada de informação, como também é demonstrado pelos estudos que regularmente surgem em publicações científicas, onde se faz uso do mesmo inquérito realizado noutros países europeus (o *Labour Force Survey*), assim como em grande parte dos países desenvolvidos que mantêm operações estatísticas semelhantes.

6. Referências

- Abowd**, John M., Francis Kramarz, e David Margolis. 1999. "High Wage Workers and High Wage Firms". *Econometrica*, 67(2), pp. 251-333.
- Arrow**, Kenneth J. 1973. "Higher Education as a Filter". *Journal of Public Economics*, 2(3), pp. 193-216.
- Becker**, Gary S. 1962. "Investment in Human Capital: A Theoretical Analysis", *Journal of Political Economy*, 70(5), pp. 9-49.
- Becker**, Gary S. 1964. *Human Capital: A Theoretical and Empirical Analysis, with Special Reference to Education*. New York: Columbia University Press.
- Ben-Porath**, Yoram. 1967. "The Production of Human Capital and the Life Cycle of Earnings". *Journal of Political Economy*, 75(4), pp. 352-365.
- Card**, David. 1999. "The Causal Effect of Education on Earnings", in *Handbook of Labor Economics*, O. Ashenfelter and D. Card (eds.), Amsterdam: North-Holland, pp. 1801-1863.
- Card**, David. 2001. "Estimating the Returns to Schooling: Progress on Some Persistent Econometric Problems". *Econometrica*, 69(5), pp. 1127-1160.
- Gibbons**, Robert e Michael Waldman. 2006. "Enriching a Theory of Wage and Promotion Dynamics inside Firms". *Journal of Labor Economics*, 24(1), pp. 59-107.
- Lima**, Francisco e Pedro T. Pereira. 2003. "Careers and Wages within Large Firms: Evidence from a Matched Employer-Employee Data Set". *International Journal of Manpower*, 24(7), pp. 812-835.
- Mincer**, Jacob. 1958. "Investment in Human Capital and Personal Income Distribution". *Journal of Political Economy*, 66(4), pp. 281-302.
- Mincer**, Jacob. 1962. "On-the-Job Training: Costs, Returns, and Some Implications". *Journal of Political Economy*, 70(5), pp. 50-79.
- Mincer**, Jacob. 1974. *Schooling, Experience, and Earnings*. New York, NY: Columbia University Press.
- Parker**, Simon. 2004. *The Economics of Self-Employment and Entrepreneurship*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Spence**, A. Michael. 1973. "Job Market Signaling". *Quarterly Journal of Economics*, 87(3), pp. 355-374.
- Stiglitz**, Joseph E. 1975. "The Theory of Screening Education and the Distribution of Income". *American Economic Review*, 65(3), pp. 283-300.
- Torres**, Sónia. 2007 "População empregada e desempregada por nível de escolaridade – breve análise descritiva". Tema em análise, Estatísticas do Emprego, 4º trimestre, pp. 53-59.
- Weiss**, Andrew. 1995. "Human Capital vs. Signaling Explanations of Wages", *Journal of Economic Perspectives*, 9(4), pp. 133-154.

“Tema em análise” já publicados nas *Estatísticas do Emprego*

1º trimestre 2006	O Inquérito ao Emprego: o que é e para que serve? Maria José Correia e Francisco Lima
2º trimestre 2006	A avaliação do desemprego pelo Inquérito ao Emprego Maria José Correia e Francisco Lima
3º trimestre 2006	Medidas alternativas à taxa de desemprego oficial: a consideração dos inactivos desencorajados e do subemprego visível Sónia Torres
4º trimestre 2006	Fluxos trimestrais de indivíduos entre estados no mercado de trabalho Sónia Torres
1º trimestre 2007	Os módulos <i>ad hoc</i> do Inquérito ao Emprego. Principais resultados do módulo <i>ad hoc</i> de 2005 – Conciliação da vida profissional com a vida familiar Sónia Torres
2º trimestre 2007	A medida dos salários a partir do Inquérito ao Emprego Sónia Torres
3º trimestre 2007	A operacionalização dos conceitos Empregado e Desempregado no Inquérito ao Emprego Maria José Correia e Ana Neves
4º trimestre 2007	População empregada e desempregada por nível de escolaridade – breve análise descritiva Sónia Torres
1º trimestre 2008	A nova Classificação Portuguesa das Actividades Económicas (CAE-Rev. 3) no Inquérito ao Emprego Maria José Correia e Arminda Brites
2º trimestre 2008	Taxas de desemprego mensais – Estimativas para Portugal Sónia Torres
3º trimestre 2008	As horas trabalhadas em Portugal – Análise de 1998 a 2007 Sónia Torres
4º trimestre 2008	O emprego de pessoas com deficiência – uma breve análise do módulo <i>ad hoc</i> de 2002 Francisco Lima e José Francisco António
1º trimestre 2009	Transição do trabalho para a reforma – Módulo <i>ad hoc</i> do Inquérito ao Emprego de 2006 Sónia Torres
2º trimestre 2009	Os Indicadores Estruturais e o Inquérito ao Emprego Sónia Torres
3º trimestre 2009	A história das estatísticas do trabalho em Portugal – O papel do Inquérito ao Emprego Sónia Torres
4º trimestre 2009	Situação dos migrantes e seus descendentes directos no mercado de trabalho – Módulo <i>ad hoc</i> do Inquérito ao Emprego de 2008 Graça Magalhães